



EM

DOSES

HOMEOPÁTICAS

(ou AS AVENTURAS de um HOMEOPATA)

Gilberto Ribeiro Vieira

**Av. Antônio da Rocha Viana, 2185 - Vila Ivonete
69 914 610 - Rio Branco – Acre**

68 84015944 68 3228 5799

gilbertorv@uol.com.br

skype: gilberto.homeopatia

PREFÁCIO DA EDIÇÃO ON-LINE	4
APRESENTAÇÃO.....	5
HOMEOPATA É MÉDICO?.....	6
A HOMEOPATIA TRATA INFECÇÃO?	8
VENENO DE COBRA	10
O EFEITO PLACEBO.....	12
A PRESSA.....	14
SOCIEDADE PROTETORA DE CRIANÇAS INAPETENTES.....	16
O PAAVOR.....	18
OSSOS DO OFÍCIO	20
O MEDICAMENTO.....	22
O HOMEOPATA	24
MORTE E PREVENÇÃO DO CÂNCER.....	26
CENTRAL DE MEDICAMENTOS, UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, CNPq,etc.....	28
A HORA DA ALOPATIA.....	30
MATÉRIA MÉDICA.....	32
VACINA HOMEOPÁTICA.....	34
SANTA ARNICA PADROEIRA DOS TRAUMATIZADOS	36
PEDIATRIA HOMEOPÁTICA.....	38

O SELVAGEM.....	40
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.....	42
A VARINHA MÁGICA	43
PSICOTERAPIA.....	45
AUTOMEDICAÇÃO	47
O MILAGRE	49
A NAU FAMILIAR.....	51

PREFÁCIO DA EDIÇÃO ON-LINE

O texto que disponibilizo pela internet, graças ao espaço cedido pelo CESAHO – Centro de Estudos Avançados em Homeopatia – foi publicado em Brasília, no início dos anos noventa, mas a edição se esgotou. Nas três últimas décadas surgiram vários trabalhos voltados para informar o público acerca da homeopatia. Entretanto, considero que o *Em Doses Homeopáticas* permanece útil, pois se trata de uma leitura fácil, com algumas pitadas de humor, permitindo a diluição dos conceitos técnicos sem cansar o leitor.

Além disso, por mais que a homeopatia tenha se difundido nesse período, a desinformação persiste em larga escala. A monopolização da biomedicina influencia de modo acentuado a formação dos acadêmicos nas escolas de medicina e, conseqüentemente, a atenção à saúde, já que a população se coloca aos cuidados de profissionais, cujo conhecimento acerca das terapias integrativas e complementares é escasso ou nulo.

Portanto, o esforço para divulgar a ciência homeopática perdura na alma. Falta arte, mas me recomendo à compreensão do leitor...

APRESENTAÇÃO

A literatura homeopática destinada ao público em geral, mostra-se, com muita freqüência, excessivamente técnica, dificultando a leitura e provocando um certo desinteresse.

Ocorreu-me, então, embutir algumas informações que considero úteis aos usuários na forma de crônicas, onde relato principalmente casos clínicos e fatos interessantes da prática e do meio homeopático, frutos de treze anos de uma atividade profissional diversificada.

Na descrição dos pacientes, preferi alterar as características pessoais, como nome, sexo, idade, tipo de doença, impedindo assim uma eventual identificação dos mesmos.

Aproveitei para que alguns fatos fossem levados ao conhecimento público, a exemplo do projeto de Homeopatia da Central de Medicamentos (Ministério da Saúde), abortado silenciosamente, e no convênio desta com a Universidade de Brasília. Dirijo-me também a todos os médicos, na expectativa de que homeopatas e alopatas ampliem a capacidade de ação conjunta, especialmente na área da pesquisa clínica.

Minha intenção primordial é esclarecer as pessoas sobre os aspectos fundamentais a homeopatia, contribuindo para o êxito do tratamento homeopático delas e ao mesmo tempo facilitar o trabalho do profissional desta área, pois a desinformação dos usuários cria diversos obstáculos e problemas.

Não há, como o leitor constatará, nenhuma pretensão literária. Quando muito, o esforço de bem aproveitar os meios de comunicação para melhor difundir a Homeopatia e, conseqüentemente, uma nova proposta para se exercer a medicina.

HOMEOPATA É MÉDICO?

Depois de vasculhar por todos os cantos e revolver todas as gavetas da casa, tive que admitir: meu diploma de médico havia desaparecido.

Não foi sem um pouco de contrariedade que registrei o fato na delegacia, precavendo-me de que algum leigo qualquer, ao encontrar tão precioso documento, se dispusesse a retirá-lo da inércia e surgisse, num passe de mágica, um falso homeopata. Achava que a polícia dificilmente conseguiria detectar um atrevido no exercício ilegal da medicina, muito especialmente se o diploma estivesse numa moldura distinta e ornasse com elegância o suposto consultório, mas o registro me servia como defesa, atestando que eu não o cedera de modo voluntário e consciente para uso indevido.

Pus-me, então, a cismar como se dera o extravio... Repassei na tela da memória todo o histórico de nosso relacionamento, desde quando me graduei pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais em dezembro de 1976. Nos dois anos seguintes, conservei-o cuidadosamente dentro de grande envelope, enquanto fazia residência médica em pediatria, ainda em Belo Horizonte; no terceiro ano de nossa convivência, não pude ainda retirá-lo do ostracismo, apesar de me transferir para Brasília, onde deveria me especializar em neuropediatria, durante um ano; contudo, logo nas primeiras semanas deu-se uma daquelas reviravoltas do destino ao descobrir e de imediato apaixonar-me desvairadamente pela homeopatia. Após alguns meses abandonava o curso de especialização em neuropediatria pela metade, pois não conseguia estudar outra coisa além da homeopatia, e seguia rumo a São Paulo, para um estágio intensivo de um mês, e finalmente Buenos Aires, Meca da homeopatia nas Américas naquela época e talvez a melhor geração de homeopatas já concentrados num só país.

De volta a Belo Horizonte, pude enfim iniciar de verdade minha atividade profissional e foi com justificado orgulho que afixei, às paredes cinza e silenciosas do meu primeiro, consultório o diploma de médico. Dessa maneira, ele se apresentava ao mundo, e sujeitava-se a receber olhares indiscretos e furtivos dos pacientes que, suspeitando de minha fisionomia juvenil, amparavam-se no documento para se entregarem aos meus cuidados.

Todavia, se eu não me fixara entre os neuropediatras, Brasília, por sua vez, entranhara-se em mim, não só por sua peculiar subdivisão em superquadras, o que me parecia o germe de uma nova organização urbana, como também por uma profunda afeição que me despertou uma comunidade cristã, nas proximidades da Capital Federal. A cidade que me tornara médico pediatra não mais preenchia meus anseios e em meados de 1981, juntamente com minha esposa e dois colegas homeopatas, transferia-me em definitivo para a cidade de Juscelino.

Nesta ocasião, assumi outra posição diante do diploma. Entendi que expor tais documentos no consultório obedecia a uma convenção, e o que realmente importava era a capacidade profissional e não o número e a procedência dos certificados. A partir daí, voltou o diploma a uma situação obscura e lembro-me, não com certeza absoluta, de tê-lo visto poucas vezes até o dia em que lhe notei a ausência definitiva.

Da polícia, jamais recebi qualquer comunicado. Não o encontraram nem tampouco parece ter sido encontrado por algum afoito, que desejasse desempenhar a função médica sem purgar os

respectivos pecados que a Faculdade nos exige.

Felizmente desde 1980, a homeopatia foi reconhecida como uma especialidade clínica e terapêutica, pela Associação Médica Brasileira, e pode ser exercida por qualquer médico, ficando vedada a outros profissionais ou leigos. No Brasil, todo homeopata é médico. Esta foi mais uma razão para me despreocupar ainda mais quanto à necessidade de mostrar meu diploma...

Veza por outra, entretanto, aparece na clínica uma daquelas pessoas que não se consultam sem a menor informação do que seja a homeopatia. Chegam arredias, sentam-se de braços e pernas cruzadas, os olhos indagadores e inquietos percorrem todos os utensílios do consultório, e falam por monossílabos. Geralmente, ao término da entrevista, que mais lhes parecia uma bizarra tortura, perguntam reticentes: "Doutor,... o homeopata faz curso de medicina também, igual aos outros médicos?..."

Neste momento, sei que meu diploma, onde quer que se encontre, e mesmo que já tenha passado para o mundo dos mortos, dá uma enorme, uma estentóica gargalhada, e pensa, à semelhança do conselho que se diz em Minas à mulher infeliz no casamento, em relação ao seu marido: "ruim com ele, pior sem ele...".

A HOMEOPATIA TRATA DE INFECCÃO?

Não sei se fiquei estarecido, mas pelo menos boquiaberto devia estar. Sem nenhum aviso, sem me preparar o espírito, a mãe daquele meu pequeno paciente disse-me de supetão que, por não conseguir me localizar durante um fim-de-semana, levou-o a um Pronto Socorro. Até aí tudo bem, mas, ao término da consulta, feito o exame clínico, o médico plantonista afirmou categórico: "Minha senhora, eu não entendo de homeopatia, mas com tanto pus nas amígdalas, só antibiótico pode resolver!..."

E fez muito bem a mãe do Marcelinho em dar-lhe religiosamente as doses de penicilina. Não tinha outra opção no momento. Todavia, a postura do colega parecia-me bastante infeliz. (Aliás, para ser rigorosamente justo, devo dizer que nos últimos anos a maioria dos profissionais que desconhece os princípios homeopáticos passou a sugerir aos pacientes que procurem o seu médico habitual para a decisão quanto à necessidade ou não do uso de medicação alopática. No entanto, mantenho a crônica, pelo esclarecimento que possibilita).

Nem percebi e já estava conjecturando: se não entende de homeopatia, e chega tão célere à conclusão de que ela é incapaz de solucionar uma amigdalite aguda, deve ser um inspirado. Quem sabe o espírito de Hahnemann ou algum outro grande homeopata desencarnado estaria lhe soprando aos ouvidos aquela convicção? Entretanto, refuto esta primeira suposição eu mesmo, pela simples razão de que é mínima a chance de haver afinidade entre os grandes vultos desencarnados da homeopatia e o nosso prezado esculápio.

Uma segunda conjectura seria a possibilidade de estarmos lidando com um fenômeno ufológico. Aqui me embaraço por completo. Sequer imagino as chances de ocorrer este tipo de contato e os critérios utilizados. Tenho a impressão de que a Ufologia ainda não concretizou um "Tratado dos Extraterrestres", no qual se obteria uma resposta segura a esta questão.

Como hipótese derradeira, cogitei de um compêndio de medicina em que se houvesse estabelecido com o necessário rigor científico as terapêuticas indicadas para cada sintoma ou enfermidade. Teríamos por exemplo, para enxaqueca: Do-In, Alopátia; para asma: Homeopatia, Benzedura; para ciúme: Psicoterapia, Homeopatia; etc., etc. Mas existiria tal tratado sobre a face da Terra, sem que algum médico, como eu, jamais tivesse ouvido falar dele, uma única vez que fosse?

A mãe de Marcelo, olhando-me fixamente, parecia aguardar com ansiedade o meu pronunciamento, como se a perguntar: "Agi certo? Não era, de fato, indispensável o uso do antibiótico?"

Procurei, então, esclarecê-la o melhor que pude. "O enfoque homeopático - comecei a dizer- considera que **qualquer doença pode ser tratada pela Homeopatia**; contudo, o medicamento prescrito em cada caso, leva em conta principalmente as características peculiares do paciente, sejam físicas ou emocionais. É necessário individualizar cada pessoa, através dos **sintomas modalizados**, isto é, investigar como se manifesta cada sintoma, quais são as causas, e os fatores naturais que aliviam ou agravam as queixas e quando elas ocorrem. Deste modo, uma dor de cabeça tem que ser modalizada, tanto quanto os aspectos de temperamento; por exemplo, se a pessoa se diz calma ou irritada, torna-se preciso sondar como, quando, onde, com quem, por

que ou para que. Assim, a homeopatia não se baseia em prescrever um medicamento para a doença e sim para o conjunto pessoa-doença, com suas nuances exclusivas. Quanto mais dados peculiares da enfermidade e da pessoa, maior a chance de êxito terapêutico. A associação com outra terapêutica surge de acordo com a necessidade, o que ocorre numa minoria de casos..."

Percebendo pela sua expressão, que ela conseguia acompanhar a minha seqüência de raciocínio, continuei:

- "Em certas situações é a doença que se impõe (por exemplo, meningite, apendicite, etc.), porque o risco de seqüelas imediatas e graves não permite prolongar a observação após tomar o medicamento homeopático; entretanto, a associação da terapêutica homeopática à alopática e à cirurgia, em certas ocasiões, tem proporcionado resultados muito gratificantes, chegando em certas ocasiões a evitar o ato cirúrgico, ou a abreviar a recuperação clínica do paciente tanto no tratamento alopático quanto no pós-operatório."

E para finalizar, acrescentei:

-"Leva-se em consideração a gravidade da doença, a existência de algum tratamento clássico (a exemplo da insulina para diabetes), se as características do paciente sugerem claramente um determinado medicamento homeopático, e se já houve alguma experiência positiva daquele enfermo com o uso de alguma medicação homeopática anteriormente."

Ao término da consulta, preparando-se para a despedida, D.Célia perguntou-me ainda mais uma vez: "Então, quando for infecção posso ficar tranqüila que a homeopatia resolve?"

Enquanto pensava comigo mesmo que a tranqüilidade é útil em qualquer situação adversa, respondi: "Procure sempre ouvir o seu homeopata porque cada caso é um caso, mas se a homeopatia não resolver, com certeza ela pode pelo menos ajudar bastante..."

VENENO DE COBRA

Felizmente, não vi a fisionomia dele porque conversamos por telefone. Pela voz indignada e veemência de suas colocações, imaginei-o de olhos esbugalhados, salivando pelos cantos da boca, histérico; na mão direita o telefone e a esquerda brandindo um manual doméstico de Homeopatia, como uma espada que pretendesse cravar-me no peito na primeira oportunidade.

Acusava-me de ter-lhe intoxicado a filha. Como pude cometer a imperícia de dar-lhe veneno de cobra, a ela - pobrezinha! - que estava relativamente bem três dias antes, quando foi levada ao meu consultório?!...

Passara uma noite péssima: febre alta, delírios, e transpiração excessiva até alta madrugada. Dar-lhe antitérmico ou nada era a mesma coisa. Depois de muita agonia, atinou que o problema deveria estar relacionado ao novo medicamento, e o manual, utilizado pelos familiares há duas ou três gerações, comprovara-o definitivamente.

Pedi-lhe que me descrevesse a situação da menina hoje, após a trágica noite. Tinha melhorado completamente nas últimas horas. "Foi só parar de dar-lhe o veneno", insistia o Sr. Pereira, num tom agressivo.

Realmente, eu não sabia por onde começar. Se lhe dissesse que foi ótimo ter acontecido tudo exatamente daquele jeito, ele poderia ter um colapso fulminante; se negasse apelando para as coincidências da vida, para o "não tem nada a ver", estaria mentindo, e se lhe explicasse, lacônico, que isto às vezes acontece, perderia a menina uma grande chance de se curar. Acertamos uma medida conciliadora. Ele me levaria no final da tarde para que reavaliasse o andamento do caso.

A paciente estava ótima, ativa, uma verdadeira espoleta, e já se alimentava normalmente. O Sr. Pereira, a esta altura, mais calmo, mantinha-se inflexível: o medicamento intoxicara a pequena.

Ao lhe informar que naquela preparação usada pela criança não havia mais resíduo da substância original, suas faces se enrubesceram, sacou da pasta um encardido e gasto livro de homeopatia e mostrou-me, vitorioso: "Está aqui ó- veneno de surucucu!"

Então pensei com a minha caneta: está na hora de darmos mais uma aulinha... Tomei uma folha em branco e comecei.

- "Você está vendo esta letra C escrita depois do nome do medicamento? Significa **Centesimal**, isto é, que a substância, seja um mineral como arsênico, ouro ou chumbo; um vegetal, como alho, pimenta ou cicuta, ou um animal, como a abelha, leite de cadela, etc., foi diluído em água alcoolizada na proporção de um para cem desta última. A letra H significa **Hahnemania**. Obtém-se assim a 1CH, após passar por um processo de homogeneização chamado succussão, que consiste em bater o frasco contendo a solução medicamentosa contra uma superfície resistente por cem vezes. Em seguida, dilui-se novamente uma parte da 1CH em água alcoolizada na mesma proporção (1:100), repetem-se as succussões e temos a 2CH. **Sabe-se hoje que acima da 12CH não há mais nenhuma molécula da matéria prima no medicamento, e sim uma energia que vai se concentrando, específica para cada substância.**"

Enquanto ele fazia um esforço para digerir aquela informação e me contra-atacar, arrematei:

- "Sua filha não ingeriu uma única molécula de veneno de cobra, pois usou a dinamização 30 CH. A homeopatia pode provocar intoxicação em duas situações: a primeira, se o indivíduo tomar o conteúdo de uns 10 vidros de glóbulos, deverá ter uma ou duas evacuações diarréicas, devido à ingestão excessiva de lactose (açúcar de que são feitos os glóbulos), e a segunda, caso seja na forma líquida, o paciente ficará bêbado. Não sabemos até o momento de alguma diferença importante entre glóbulos, tabletes, pó, água alcoolizada; todos são meros veículos, e o que importa é o medicamento que lhes é adicionado ou impregnado."

Neste momento, notei que o Sr. Pereira parecia um tanto desconsolado. Fitava o "manual" com um misto de decepção e raiva. Esclareci-o ainda sobre a "agravação homeopática", aquela famosa piora que acontece em alguns casos após o uso da medicação homeopática adequada e significa um prenúncio importante de cura, ressaltando que nem toda piora depois da ingestão de medicamento homeopático corresponde a esta "boa" agravação e o médico deve ser informado quando ocorrem modificações importantes no quadro clínico.

No final, gaguejou suas desculpas, expôs um sorriso amarelo e deixou-me a sensação de que o via pela última vez.

No entanto, minha previsão falhou por completo. A menina ainda tomou "veneno de cobra" dinamizado muitas outras vezes, na 50 CH, 100 CH, C200, C1000, C10M, C50M, etc., e já se vão nove anos desde aquele dia no qual tive que usar toda a minha diplomacia para contornar uma situação bastante delicada. O Sr. Pereira acabou optando por também tratar-se pela Homeopatia.

Neste final feliz, só não estou convencido da participação do Manual Doméstico de Homeopatia. Nunca mais lhe ouvi nenhuma referência ao dito cujo. Mas, sabe, eles foram muito úteis à expansão da homeopatia durante várias décadas, quando era reduzido o número de médicos especializados nesta terapêutica e incentivava-se a automedicação. Estas crônicas, na verdade, configuram uma espécie contemporânea de "manual de homeopatia", mas com objetivo principal de informar o leitor e capacitá-lo a participar ativamente de seu próprio tratamento, sem cair no apoio à automedicação, exceto em raríssimas situações.

Espero que a homeopatia continue progredindo em ritmo acelerado para que dentro de algumas décadas, quando um paciente argumentar veementemente contra a conduta de um homeopata, baseando-se neste livro, o profissional possa afirmar que muitos dos conceitos aqui registrados merecem ser redimensionados à luz de novas descobertas.

O EFEITO PLACEBO

A crítica mais severa que se pode fazer à homeopatia é de que o medicamento dinamizado não possui ação farmacológica e atua apenas por efeito sugestivo. A pessoa acredita que irá se curar, fica predisposta, e cura-se por mecanismos internos, espontaneamente, não tendo nada a ver com a substância medicamentosa ingerida. Tais casos existem, não se pode negar. As estátuas milagrosas que o digam.

As pesquisas têm se dirigido com mais vigor para a análise da irradiação luminosa dos medicamentos homeopáticos, e especialmente para a ressonância magnética. Esperando com serenidade chegar-lhe as comprovações científicas, o homeopata executa algumas observações singulares.

Este é o paciente L.M., trinta e dois anos de idade, brasileiro, sexo masculino, casado, bancário. Mostra lesões de pele, especialmente na região das articulações e dobras do corpo há cerca de dez anos. Soube de pessoas com quadro de alergia semelhante ao dele, curadas por aquele mesmo homeopata, e isto faz com que relate espontaneamente a grande esperança que lhe vai na alma. Temos aí um prato feito para a ação sugestiva. Se for medicado com cápsulas contendo miolo de pão, é quase certo que irá apresentar uma melhora significativa.

Foi-lhe prescrita uma dose única do medicamento considerado o mais semelhante ao conjunto de suas características, e que seria suficiente para lhe desencadear profundas e benéficas mudanças, caso estivesse entre aqueles aos quais o paciente seja sensível. Infelizmente, temos que declarar que o doente em foco não apresentou o mínimo sinal de alívio, trinta dias após o uso da medicação. Informava ainda continuar excessivamente preocupado com seus afazeres, muito tímido, com uma sensação de que as pessoas não o valorizavam ou apreciavam da forma como ele gostaria; dizia ter uma necessidade vital de que demonstrassem o quanto ele era querido e estimado em seu trabalho e em casa; passava por acentuadas depressões quando não reconheciam o seu esforço para fazer o melhor que lhe era possível. Não se importava com o êxito, mas que vissem o seu empenho... Ele próprio chegava a suspeitar que suas depressões eram um mecanismo de fazer que se interessassem pela sua situação e lhe dessem atenção. Persistiam os sonhos desagradáveis com frequência, as dores de cabeça, que pioravam após comida gordurosa e frituras, e os sobressaltos durante o sono. As erupções na pele, cujo prurido se intensificava terrivelmente com o calor do sol...

Por essa, francamente, eu não esperava. O paciente tinha tudo para se curar sozinho, quanto mais sendo medicado! Quando percebi que ia me faltar o chão, agarrei-me ao "Repertório", que é um tipo de livro, geralmente volumoso, que fica à mão do homeopata para verificações rápidas, onde encontramos uma extensa lista alfabética de sintomas (ou rubricas) e os medicamentos que são indicados para aquele tipo de alteração. Acariciei-o discretamente ao abri-lo, como a dizer-lhe para me dar uma força, porque a coisa estava preta. Conferi alguns dados: sensação de não ser apreciado, cefaléia que piora por gorduras, erupção que piora pelo calor do sol, etc., e fui ao computador verificar se o programa acrescentava algum medicamento que não os do Repertório, e selecionei nova medicação.

Retorna o paciente no mês seguinte, entusiasmado, aliás, mais do que entusiasmado,

radiante. Deixemo-lo falar: "Doutor, não sei o que você fez desta vez, só sei que desapareceu tudo." Era outra pessoa. Falou-me de seu crescimento emocional, do desaparecimento dos sonhos, da diminuição notável da dor de cabeça, e da melhora evidente das lesões de pele, recordando ter me telefonado após sete dias da ingestão do medicamento devido a uma piora intensa do prurido, quando já se percebia mais tranqüilo e então lhe recomendei que aguardasse sem interferir. Investiguei a possibilidade da melhora ser por outro fator medicinal ou psicológico e não encontrei nada. Nos meses subseqüentes foi ainda medicado com diferentes dinamizações do mesmo medicamento, sempre em dose única, e a cura se consolidou.

Este caso ilustra que a fé na Homeopatia não é fator importante, como muitos supõem. Quando este nosso paciente estava convicto de que seria curado, não o foi; ao se arrefecer a sua convicção, deu-se o fenômeno. A fé ajuda no sentido de perseverar no tratamento, e como estímulo para aprimorar a auto-observação.

Existem casos muito mais complexos. Pessoas há que se curam também através de medicação homeopática, duvidando o tempo todo "daquelas bolinhas". Crianças cujos pais são relativamente cépticos em relação à homeopatia, curam-se aos montes. Além dos animais, psicóticos, e outros, cuja explicação através do efeito sugestivo fica muito estranha.

Alguns opositores da terapêutica homeopática acham que se não foi por sugestão é porque a doença ia mesmo desaparecer. Classificam como cura espontânea. Gostaria muito de sugerir a quem não admite qualquer efeito decorrente da ingestão de medicamento homeopático, que use ou faça seu animal de estimação ingerir algum medicamento dinamizado. Já que não tem nada mesmo, mal não faz. Tome 5 glóbulos uma vez ao dia durante duas semanas. Experimente trinta diferentes medicamentos, pelo menos.

Caso não queira se submeter à minha sugestão, por qualquer motivo, ou fazer algum outro tipo de pesquisa séria, convenhamos: não acha que é muito deselegante opinar sobre o que você não entende? Tente falar a respeito de futebol, política, economia, meio ambiente, ou cinema. Caso esteja ainda difícil, só me resta recomendar-lhe que leia o jornal "O Estado de São Paulo", o qual se propõe a resolver casos semelhantes ao seu, em que o problema é falta de assunto...

A PRESSA

A atualidade se caracteriza pela escassez de tempo. As pessoas vivem numa correria maluca. Quando se encontra um amigo, que não se vê há anos, cada um se desculpa pela falta de tempo, e se despede com o clássico - "Aparece lá em casa!", que já se tornou uma mera formalidade, porque se levado a sério, não se conseguiria ajustar um horário conveniente a ambos para a concretização da visita.

Muita gente chega ao tratamento homeopático com esta mesma pressa. Querem logo de cara uma definição precisa, exata, sem meio-termo: "A Homeopatia tem ou não tem remédio para úlcera?" Qualquer resposta além de sim ou não é perda de tempo. Alguns já usam uma medicação alopática, e desejam apenas substituí-la por uma homeopática equivalente.

Esta afobação para obter logo algum resultado é muito justa em diversas ocasiões, a exemplo de quadros agudos que trazem risco de seqüelas locais ou generalizadas. Todavia, não raro transforma-se numa impaciência, que carece completamente de sentido.

Apareceu-me certa ocasião uma jovem bastante sofrida. Tendência a infecções intestinais, já tendo sido submetida a três cirurgias abdominais por este motivo. Várias pneumonias. A mãe se mostrava bem informada em geral, mas apesar disso desconhecia as noções elementares sobre a Homeopatia. Havia me procurado por sugestão de uma pediatra, cujos filhos tratavam-se comigo desde longa data. Decidimos marcar um horário extra para conversarmos sobre alguns princípios homeopáticos e fazer uma análise do quadro da garota. Falei-lhe em síntese deste modo:

- "A Homeopatia surgiu por volta de 1890 com Samuel Hahnemann na Alemanha. Ele descobriu, ao ingerir voluntariamente um medicamento que era usado para o tratamento da febre, que as substâncias curam porque são capazes de provocar alterações semelhantes nas pessoas sadias. Ou seja, os sintomas que elas suscitam nos indivíduos sãos, também curam quando se manifestam num enfermo."

"Para diminuir os sinais de intoxicação nele e nos demais experimentadores voluntários, começou a diluir e agitar (dinamizar) os medicamentos. Não só reduziram os sintomas físicos, como aumentaram as alterações mais sutis em diversas funções tipo apetite (variação das preferências e aversões alimentares), sede, sono, transpiração, sensibilidade ao clima, mudanças de humor, de comportamento, da percepção, etc. Prosseguindo em suas pesquisas, constatou que conhecendo um número maior destes sintomas em cada paciente, bastava apenas um medicamento para curá-lo, desde que houvesse semelhança entre as alterações peculiares de ambos."

Após verificar se me fazia entender, acrescentei:

- "Este medicamento adequado ao doente promove um reequilíbrio geral. O indivíduo sente-se mais equilibrado emocionalmente, mais centrado, e no físico a enfermidade é eliminada de dentro para fora e de cima para baixo. A rapidez do efeito do medicamento está relacionada à duração da patologia, portanto, nas agudas, a resposta é imediata, questão de minutos, no máximo poucas horas; nas crônicas, dias até algumas semanas."

Trazendo o comentário para o caso da filha, illustrei:

- "No caso da Helena, após o uso desta medicação baseada no conjunto individualizante de suas características, aguardaremos algumas semanas de observação. Surgindo um dos quadros agudos que ela costuma ter, evitem qualquer outra medicação, que possa interferir nestes sintomas, e entrem em contato comigo."

Mal acabei de proferir as últimas palavras e detectei o aparecimento de uma contração facial discreta e repetitiva em D.Fátima, e como não pude conter o horror que lhe causava tudo aquilo, interrompeu-me:

- "Doutor, as febres dela são altíssimas!! Mesmo com antitérmico chegam à quarenta e meio!"

Estava tensa. Parecia já se ver naquela situação, aflita, desesperada, e impedida de usar o seu calmante. Sim, porque a doença da filha nunca melhorara uma vírgula com os antitérmicos, mas deviam ser-lhe uma vigorosa muleta.

Tentei "desdramatizar" a situação. Recostei-me como pude, passei o braço esquerdo sobre o encosto, deixando-o pender atrás da cadeira, sorri com fatura, e argumentei com voz a mais pausada possível que de jeito nenhum descartava o uso de medicamentos alopáticos, incluindo antibióticos, antiinflamatórios, enzimas, etc. Entretanto, eles deixavam de ser a primeira opção, ocupando a partir dali um segundo plano.

Mostrei-lhes que o tratamento utilizado até então, eficaz para outros doentes com o mesmo mal, levou a um resultado insatisfatório no caso de Helena. **Mais do que mudar de medicamento, era importante renovar também o enfoque, a abordagem, o conceito de saúde e enfermidade.** Um novo quadro agudo no curso da terapia homeopática poderia significar o início de um processo de cura, e só deveria ser modificado se muito necessário, o que dependeria de minha avaliação, quando oportuno. Analisamos muitos outros itens e fiz questão de não economizar verbo nem paciência. Achei que era o mínimo que podia fazer pela infeliz moça.

Não tive sequer notícias. Pergunto-me se terá tomado a medicação que lhe prescrevi. Suponho que não.

Certo tempo depois, outra paciente, que ignorava este fato, contou-me, sensibilizada, a história de uma jovem, cujo nome desconhecia, hospitalizada para a sua quarta cirurgia abdominal, e que já havia tido várias pneumonias. Terminado o seu relato, em que diversos aspectos correspondiam à mesma Helena, que se me escapou por entre os dedos, perguntou-me solícita:

- "Doutor, existe alguma coisa que a homeopatia possa fazer num caso como este?"

SOCIEDADE PROTETORA DE CRIANÇAS INAPETENTES

Julgo que as crianças da atualidade são protegidas numa série enorme de seus direitos, contudo, tal proteção decorre de organizações instituídas pelos adultos. Creio ter chegado a hora das próprias interessadas reunirem-se e proclamarem a existência de nova agremiação cuja finalidade única e exclusiva seja defender os seus sócios portadores de inapetência.

Malgrado tenazes esforços dos pais, a falta de apetite costuma resistir heroicamente, e quando desaparece por uma semana ou pouco mais, retorna à mesa mais vigorosa do que antes como se a desafiar castigos, ameaças e chinelos.

Quais vínculos esta "Sociedade" poderia assentar com a Homeopatia? Pode-se ter alguma esperança na solução de sintoma tão rebelde graças à medicação hahnemaniana?

Em muitos casos sim. As alterações funcionais, isto é, aquelas em que não há lesão orgânica e os exames laboratoriais, radiológicos, etc., não evidenciam qualquer anormalidade, mas o enfermo se queixa de um distúrbio, podem se beneficiar muito graças a um tratamento homeopático. A medicação atua no indivíduo como um todo, reajustando todas as suas funções psíquicas e orgânicas, entre elas, a do apetite.

No entanto, num número razoável de crianças tem-se notado uma resposta geral satisfatória, sem se alcançar o menor alívio na inapetência. Houve melhora da timidez, da insegurança, a professora percebeu a criança mais solta na escola, parou de ranger os dentes durante o sono, mas tudo isto agora se tem em pouquíssima conta ou em nada. Se não melhorou para comer, o resto é "conversa para boi dormir."

Haveria alguma explicação para a resistência da anorexia, quando ocorre uma melhora geral?

Existe uma hipótese sobre a questão. Numa imensa percentagem de casos, a inapetência é uma forma muito rendosa de se obter a atenção dos pais. **Quanto mais atenção, ansiedade, preocupação, desespero e coação transparecem nas atitudes paternas, mais vantajoso se considera o método, portanto, mais difícil o paciente mudar de estratégia.**

Alguns casos parecem ultrapassar os limites da lógica. Uma menina de quase três anos de idade "jamais havia aceitado comida de sal", disse-me uma mãe resignada. Já fora acompanhada por um gastroenterologista infantil, cuja investigação redundara em nada, ou melhor, concluía pela ausência de qualquer doença conhecida. (É bom frisar a necessidade de se investigar em todos os casos a existência de alguma patologia que esteja desencadeando a falta de apetite).

Ao longo de todo este martírio, os pais consentiram em atender a solicitação da criança, que passou a receber iogurte e pão com margarina quatro a cinco vezes ao dia. Por isto, ela mantinha seu peso dentro dos indicadores correspondentes à idade, porém era fraca, com musculatura flácida e uma discreta palidez denunciava uma anemia por deficiência especialmente de ferro.

Desde o primeiro contato suspeitei que os pais não haviam se posicionado corretamente diante do problema. A expressão de piedade da mãe pela menina, como se vivesse uma profunda dor silenciosa, foi-me sintomática. Além da medicação homeopática, associei a orientação alimentar clássica em pediatria, sendo que esta última isoladamente resolve a maioria dos casos:

1- Só comer às horas de refeições ou lanches, evitando qualquer alimento durante os intervalos.

2- Não fazer substituição da comida por algum outro alimento, tipo leite, frutas, doces, iogurtes, pão, etc.

3- Nunca insistir com a criança para se alimentar, porque comer é bom para quem come, e não são necessários estímulos ou prêmios, pois já é um prêmio em si mesmo.

Quanto ao método de aplicação desta orientação alimentar, recomenda-se explicar claramente à criança a mudança das regras domésticas, e não se intimidar com a piora do apetite nos primeiros dias ou semanas, porque ocorre uma tentativa do inapetente de forçar uma volta ao sistema anterior. Penso também que deve ser conveniente mudar completamente esta rotina de horários nos fins-de-semana para um esquema flexível.

Conforme fácil previsão, os referidos pais não foram além de três dias dentro do esquema proposto. A mãe teve dó da pequenina. O quadro geral havia melhorado significativamente; até as gripes frequentes cederam por vários meses, enquanto durou o tratamento. Argumentei, chamei à razão, avisei... E me dei conta que também eu estava com pena da criança, não devido à inapetência, mas porque ela dificilmente vai se desenvolver no aspecto psicológico, em função da atitude dos pais. Desconhecerá por completo ingredientes como disciplina, firmeza, determinação e responsabilidade, embutidos no processo educacional, via alimentação.

Por fim, dei sossego aos pais. Percebi que estava contaminado pela ansiedade deles, tentando solucionar à força aquilo que me parecia um problema educacional e não clínico. E com isto, eles desapareceram do consultório... Se não encontraram resultado para a inapetência da criança, pelo menos me ajudaram a compreender que a postura deles satisfazia-lhes a própria ansiedade, cuja origem seguramente é muito mais profunda do que imagina um incauto pediatra...

O PAVOR

Era pasmo para não acabar mais. Deu-me a impressão de que acabara de anunciar-lhe a chegada irreversível das catástrofes anunciadas no apocalipse. Guerras, terremotos, epidemias, e na fila, aguardando vaga, enchentes e geadas.

"É uma pneumonia discreta", foi o que eu disse, e foi o que detonou o abalo cósmico. A mãe desabou sobre a cadeira como um meteoro se lança sobre a superfície da Terra. E lá no fundo, talvez um pouco "pra lá" do fundo, vindo de outra dimensão, misto de voz e sopro, perguntou-me: "E agora, Doutor?" Ela jamais havia imaginado, ao optar pela Homeopatia, que alguma vez as coisas ficariam tão sérias. Pensou imediatamente na cobrança dos familiares: o pai do menino tolerava o tratamento homeopático, sem grandes convicções; o cunhado dentista vivia aterrorizando-a, e nos fins-de-semana a sogra nunca perdia a oportunidade de dar-lhe outro tipo de medicação, para demonstrar-lhe seu desagrado.

Vencera tantos obstáculos porque a pediatra recomendara-lhe o tratamento homeopático. "Bronquite como a dele, só a Homeopatia..." À medida que as crises asmáticas foram se espaçando, diminuiu um tanto da insegurança e da tensão; cessaram os telefonemas.

Nas últimas semanas surgia um fato novo e muito importante. O relacionamento entre os pais andava péssimo. Sem diálogo, distante, áspero até. Entrara em depressão. As gracinhas do filho, que outrora a divertiam tanto, passaram a irritá-la. De acordo com suas palavras, "estava uma pilha!..." A idéia de uma separação conjugal tornou-se, de uma hora para outra, o único assunto capaz de uni-los.

Até meu estetoscópio já sabe: "pais em conflito - crianças doentes" e dá-lhe bronquite, amigdalite, sinusite, rinite, e "ites" sem fim, salvo raras, raríssimas exceções, em que os pais se separam com poucas mágoas e pequenas agressões. A bem da verdade, alguns continuam amigos. (Já tive o privilégio de atender a um garoto que o pai e o padrasto levaram-no a uma das consultas).

Sentindo-se totalmente sem apoio doméstico, abatida, sem forças para lutar pela manutenção do tratamento homeopático, tentou fugir antes de iniciar a batalha:

- "Doutor, não convém lhe passar logo um antibiótico?"

Tranqüilizei-a. Qual nada, aquilo se resolveria em vinte quatro horas. Rafael estava com o mesmo medicamento há mais de um ano, e melhorava progressivamente, não só da asma, como de todo o conjunto, inclusive de temperamento. Já usara cinco diferentes dinamizações de **Ignatia**, sempre com respostas excelentes, em casos de bronquite, amigdalite e giardíase. Para acalmá-la ainda mais, antecipei-lhe que se por azar, e as chances de má evolução eram remotas, fosse necessário, não hesitaria em prescrever-lhe antibióticos. Ficassem na gaveta, de sobreaviso, até segunda ordem. Requisitei uma radiografia de tórax, e encareci notícias para o dia seguinte.

Transcorreram-se quatro semanas. Volta o Rafael em busca de mais "bolinhas", serelepe como sempre. Acanhada no início, um pouco constrangida, a mãe informa que não conseguiu ficar só com a Homeopatia. "Não agüentei a barra!..." A radiografia acusara condensações discretas. Pneumonia mesmo! Segurou até a noite, mas quando a febre subiu muito, correu à antiga pediatra. Junto com o antibiótico, a médica reforçou-lhe a necessidade de prosseguir com a

Homeopatia. A bronquite cederá consideravelmente.

Ainda resistiu por mais algumas horas sem dar a medicação alopática, entretanto de madrugada entregou os pontos. A febre não baixava nada. Fez compressas, banhos, e a febre ali. Trinta e nove! Duas horas após a primeira dose do antibiótico a febre desapareceu e não voltou mais. A pediatra afirmou-lhe que só podia atribuir ao medicamento homeopático a rapidez da melhora apresentada pelo paciente, com o que estou de pleno acordo. Agradeço silenciosamente à honestidade desta conceituada profissional.

A mãe trazia boas notícias da situação conjugal. A crise fora resolvida. Rafael contava de novo com os afagos da mãe, que é um dos melhores medicamentos existentes na terapêutica da vida.

No final da avaliação, dispensei-me de qualquer prescrição. O garoto estava ótimo, e assim, como num conto de fadas, permaneceu maravilhosamente bem, por muitos, muitos e muitos dias...

OSSOS DO OFÍCIO

Nem tudo é filé no trabalho do homeopata. Também temos alguns ossos do ofício. Naturalmente que eles variam de acordo com a sensibilidade individual, porém vou comentar um aspecto que é osso duro de roer para muitos Homeopatas.

Acontece geralmente no final da entrevista, quando o paciente está de posse da prescrição e prestes a retirar-se e faz então uma pergunta fulminante. Justa, necessária e simples, para a qual aparentemente o homeopata já havia dado explicações suficientes, e, entretanto a questão demonstra que a orientação do médico esteve longe de atender às suas necessidades.

"Doutor, para que serve este medicamento que você me receitou?" Ou ainda: "Mas, este medicamento também serve para a gastrite, né?" -- É de lascar! Confesso que dá um frio por dentro... Não tem por onde começar um esclarecimento, muito menos como terminá-lo. Vejamos algumas possibilidades, todas corretas, porém parciais:

"O medicamento homeopático, na dinamização que lhe prescrevi, é uma energia que atua no indivíduo como um todo, a começar do temperamento..." -- Imagine o nó que não deu na cabeça do ouvinte; deve ter saído do consultório aos tropeços. Energia - será elétrica? Dá choque?

Vejamos outra:

"Serve para tudo. O medicamento homeopático adequado à pessoa promove uma melhora geral, tanto no físico quanto na mente..." -- É milagre ou charlatanismo, conclui o paciente; se não fosse porque curou fulano e beltrano, daria queixa na polícia deste médico agora!

Vejamos mais uma:

"Este medicamento está indicado para qualquer enfermidade, desde que suas características principais sejam semelhantes às do paciente, especialmente naquilo que ele tem de diferente, de raro ou de peculiar, seja nos sintomas físicos ou emocionais." -- Dirá este enfermo à sua úlcera: "Eu não te disse? Não lhe avisei que meu caso era grave? Estou com várias doenças. Santo Deus! Qual delas será a pior?"

Finalmente, a última:

"Amigo, espero que este medicamento atue em você como um todo; harmonizando-o, no temperamento, e fazendo com que no físico a doença seja colocada de dentro para fora e de cima para baixo. Em resumo, a medicação deve atuar em tudo o que você me queixou e me falou sobre sua pessoa. Ou pensa que eu indicaria um medicamento para alguma coisa que não essas que você me relacionou? Seria como se o seu carro estivesse com um problema de bateria e o mecânico quisesse reparar o motor!"

Não reagirá este paciente com intensa indignação, provavelmente contida? Com certeza, mais tarde, avisará aos seus familiares e vizinhos: "É um grosso! Curto e grosso! Parecia-me até educado, mas no final!... Perguntei-lhe para que servia o medicamento que me receitou e ele só faltou dizer que eu sabia mais do que ele, porque servia para tudo que eu tinha falado, inclusive para o meu temperamento! Eu sei bem quem é que está precisando de um remédio assim!..."

Apesar dos ossos, o trabalho homeopático é muito interessante. Além disso, se fosse muito fácil não teria graça. São os desafios que nos incitam a seguir adiante.

Quando você for se consultar com um médico homeopata e sentir necessidade, não deixe de perguntar-lhe para que serve aquele medicamento que lhe foi prescrito. Se a resposta lhe satisfizer, faça a gentileza de enviá-la para este homeopata, pois ficarei profundamente agradecido. Não se esqueça de enviar também o seu endereço, porque temos mais alguns ossinhos aqui para dividir com os amigos...

O MEDICAMENTO

"-Doutor, a minha filha tomou todos os glóbulos do vidro do medicamento dela, de uma só vez – dizia-me a mãe de Daniela, aflitíssima, por telefone – já estava saindo para o Pronto Socorro, quando resolvi ligar para você antes. O quê eu faço, Doutor? É muito perigoso?"

Vamos ao outro extremo deste assunto, utilizando a informação de outra mãe: "Toda vez que vou dar-lhe o medicamento, o irmãozinho dele chora, pedindo, e então eu dou também a ele, um glóbulo só. Não faz mal, não é mesmo?"

Ora, o medicamento indicado para Mariana não serve para Mariane, (salvo exceções que não cabem apreciar aqui), mas qualquer uma delas pode tomar o seu próprio em dose excessiva, acidentalmente, sem problemas, exceto aqueles já citados na crônica "Veneno de cobra".

Já os inconvenientes ao se usar medicamento sem orientação médica podem ser piores. A começar que, não estando em tratamento, o médico não registrou em prontuário o conjunto de seus sintomas, e ao surgirem modificações no seu estado geral e/ou clínico a análise da evolução fica prejudicada. E se a pessoa for muito sensível a este medicamento, pode ocasionar o aparecimento de sintomas, pois passa a ser sujeito de uma experiência homeopática, só que involuntária, descontrolada e não conduzida. Basta suspender o medicamento que estas alterações desaparecerão, mas deve-se evitar tal tipo de experiência. Dai, pois, "a César o que é de César", e de preferência, segundo a prescrição médica.

A tendência é recomendar cada vez menos medicamentos. **A dose única tem sido suficiente para a maioria dos casos, mesmo agudos. Eventualmente, doses repetidas, durante três a sete dias tem sido o bastante, quando necessário. Alguns pacientes também respondem satisfatoriamente ao uso de dose diária por um ou dois meses, contudo, nestes casos dá-se prioridade para dinamizações ainda mais sutis do que a "centesimal hahnemanniana" como a LM (cinquenta milésimal).**

Outro item importante, em relação ao medicamento, é a ingestão. Deve-se ter realmente a precaução de não colocar algum alimento ou substância muito aromática na boca, nos minutos que antecedem a ingestão do medicamento porque o calor, a luminosidade excessiva, e os odores fortes têm a possibilidade (teórica) de alterar a energia medicamentosa.

Fora isto, pode-se tomar a medicação a qualquer hora, do dia ou da noite, independente de jejum, de ser mastigado, dissolvido na boca, deglutido inteiro, qualquer que seja a lua, e mesmo que a fase do zodíaco esteja completamente desfavorável. Pode ser antes, durante ou depois da crise aguda da enfermidade em tratamento, da menstruação, do parto, da cirurgia, etc.

Um aspecto que não poderia passar em branco refere-se a tocar o medicamento com as mãos ao ingeri-lo. Já vi muito risinho de mofa por isto. Um paciente elucidou-me o motivo da ironia. "Parece uma coisa mística, sagrada, que se for tocada perde o poder ou encanto." Também eu achei muita graça da capacidade imaginativa do ser humano. A recomendação para que não se toque nos glóbulos com as mãos baseia-se no fato de que os glóbulos são embebidos com medicamento na forma de água alcoolizada, e a impregnação se faz da superfície para o interior dos mesmos. Então o suor ou algum odor forte das mãos pode adulterar um pouco do medicamento localizado na periferia dos glóbulos. É provável que este cuidado seja desnecessário

considerando que todo o restante, e não só a superfície foi embebida satisfatoriamente. Enquanto não temos experimentos científicos sobre este quesito farmacêutico, mantenho a recomendação tradicional. Acho inclusive que ficamos perfeitamente ajustados ao bom senso comum, que orienta não se meter o dedo naquilo que não se conhece bem.

E a validade? Por quanto tempo vale um medicamento homeopático?

Se ainda não se pode comprovar a existência de energia num medicamento em que o preparo é recente, menos ainda num de longa data. As pesquisas revelam maior incidência de fungos e bactérias em medicação na forma de glóbulos do que de água alcoolizada, algum tempo após a manipulação, o que não significa diminuição ou perda de sua eficácia.

O folclore homeopático anda cheio de lendas a respeito deste assunto. Conta-se que um ardoroso médico homeopata jura, de pés juntos, obter bons resultados em sua clínica com o uso de medicamentos de mais de trinta anos, de sua "botica de emergência", conservados em seu próprio consultório.

Finalizando, eu diria que em casos agudos procure ter medicamentos relativamente novos (até 5 anos), e nos demais quadros clínicos use-os de qualquer idade. Se o resultado não for satisfatório, repita a dose com um de manipulação recente.

Só espero que tudo isto não acabe por comprovar que o medicamento homeopático se torna mais eficaz com o tempo. Quanto mais velho, melhor. Para que não surjam no comércio as lojas de "Antiguidades Homeopáticas". Uma gota de medicamento de 1910 valeria uma fortuna.

Tomara que isto não se dê! Prefiro a Homeopatia de vanguarda e não a de retaguarda. Além do mais, para que competir com os vinhos nesta valorização do passado? Salve o medicamento novo! Que a melhor safra seja sempre a atual!

O HOMEOPATA

São muitos os itens através dos quais os homeopatas diferenciam-se dos outros médicos e entre si mesmos.

O autêntico homeopata lembra a figura de um alienígena. Fala uma linguagem que pouca, pouquíssima gente conhece, e vive fora de seu "habitat". Sim, porque foi excluído sumariamente do sistema de serviços de saúde. Hahnemann, inspirando-se possivelmente em seu compatriota Martinho Lutero, encabeçou um movimento de reforma da Medicina, e as organizações de serviço de saúde tendem a repelir instintivamente seus discípulos, como fizeram ao descobridor da Homeopatia. Querem comprovações científicas, alegando que as curas realizadas nada comprovam. Esta atitude não é nova. Quando não tinham mais nada a contestar nas curas feitas pelo Cristo, começaram a dizer que Ele curava porque tinha demônio. Portanto, deve residir aí o argumento final contra o homeopata. Tem demônio! Vê coisas que não existem, acredita em quimeras, e admite utopias. Alguns homeopatas desenvolvem uma preocupação avantajada em demonstrar a cientificidade de sua especialidade terapêutica. Intimidam-se diante da valentia dos detratores, e tornam-se cabisbaixos, amargurados diante de tanta incompreensão e cegueira.

Outros saem no tapa. Trocam críticas, apontam as deficiências da terapêutica oficial em linguagem contundente, e aumentam a distância entre os profissionais das duas áreas.

Temos também os "carentes". Não se amarguram, nem polemizam, mas passam suspirando às portas dos hospitais. Imaginam enfermarias e ambulatórios homeopáticos em funcionamento, idealizam unidades de urgência em Pronto Socorro, e projetam o atendimento homeopático no serviço público de saúde.

Outro tipo é dos "sublimados". Não estão nem aí... Não entram em querelas, não se entristecem, nem sonham. Às vezes mostram um certo desdém, aversão ou ironia pelos demais recursos terapêuticos. Mas, em geral não se envolvem emocionalmente com o problema, e trabalhar marginalizado ou não, lhes é indiferente.

Existe também uma classe singular, mescla de homeopatia e outras especialidades terapêuticas. É a experiência "anfíbia". Pela manhã, alopata; à tarde, homeopata. Cedo, homeopata; à noite, acupunturista. Dia ímpar, homeopata; dia par, psicoterapeuta. O inconveniente que vejo nesta versatilidade do profissional é quando ele associa com frequência, num mesmo paciente, os recursos terapêuticos que ele domina, e isto deve ser exceção e não regra (por vários motivos técnicos que este texto não comporta).

A prescrição homeopática é um trabalho artesanal. Seleciona-se um medicamento entre centenas, baseando-se na informação prestada e nos dados observados e, em frequentes ocasiões, a escolha exige não só conhecimento técnico, como também sensibilidade e percepção aguçadas.

Acredita-se que, após o curso, sejam necessários mais alguns anos de trabalho com grande dedicação à Homeopatia, reservando-se uma larga cota de horas semanais para se estudar todos os casos atendidos.

Por todas estas dificuldades para se tornar de verdade homeopata, gostaria de focalizar um tipo que denominaria de "quase", o qual merece nosso absoluto respeito. Um jovem colega, poucos meses após iniciar a prática da homeopatia, concluído o curso na Argentina, decidiu abandonar a profissão e transformou-se num dinâmico empresário de doces em pequena cidade do interior paulista. A ele, todas as honras. Advogo-lhe um prestígio "quase" igual ao de Hahnemann na galeria dos nossos notáveis. A homeopatia deve muito aos que não a rebaixam. Felizmente, tal comportamento tende a se generalizar. A Faculdade de Ciências de Saúde, da Universidade de Brasília, graduou em 1988, pouco mais de meia centena de homeopatas, dos quais apenas uma porcentagem irrisória lançou-se à ativa. Estes "quase" homeopatas também cumprirão tarefas. Podem não exercer a clínica homeopática, mas saberão esclarecer outros profissionais de saúde desinformados sobre os fundamentos desta terapêutica, abrindo novos espaços à inclusão da Homeopatia nas universidades e sistema de saúde em geral.

Citaria ainda os homeopatas "mumificados", que só aceitam, ou restringem-se demais aos escritos de Hahnemann; os autores surgidos posteriormente tornam-se suspeitos. São bons clínicos, mas me parecem não contribuir muito para o avanço da ciência homeopática porque beiram a idolatria.

E mais o grupo da homeopatia "recém-nascida". Defendem que a homeopatia é muito recente, está nas fraldas, segundo afirmam. O que são dois séculos comparados aos milênios da Alopátia? Enfatizando exageradamente este aspecto, transmitem insegurança, e com isto, insuflam o desânimo.

Em parte, têm razão. A Homeopatia há de progredir muito ainda. Que venha o progresso... Estamos de braços abertos! Ansiamos pela hora em que se descubra a frequência e o comprimento das ondas acumuladas nos medicamentos homeopáticos. Mas, tem que suceder aos poucos. Primeiro, uma notícia sensacionalista na imprensa. Depois, o desmentido. Após alguns meses, a confirmação, e por último, a consagração. Se vier de chofre, irrefutável, será covardia. **Porque se nós, com pouco de comprovação científica, marginalizados e ridicularizados, fazemos coisas de arrepiar os cabelos, ousamos efetuar curas de verdade, o que não faremos quando estivermos com a corda toda nas mãos?** Peço, pois, ao progresso que venha em doses homeopáticas. Sem estardalhaço, e sem sobressaltos. Mas também que não se demore muito para que se não me cansem os braços, estendidos na longa espera!

MORTE E PREVENÇÃO DO CÂNCER

Morrem milhares de pessoas por dia, cujos tratamentos médicos não foram suficientes para evitar tal desfecho. Nem o refinamento tecnológico, que ultrapassou em muito, o que era ficção há poucos anos atrás, consegue ludibriar a insaciável Morte.

Todos estes óbitos são vistos com relativa naturalidade. Enfim, "foi Deus quem quis..." Não temos por aqui, graças a este mesmo Deus, a mentalidade de outros países de se acusar a torto e a direito, forjando culpados para se punir por imperícia profissional. A vida ao sul do Equador, sem dúvida, é menos estressante. Se morreu é porque soou a hora. Todos se conformam, mais dia menos dia, e as coisas retornam ao seu ritmo habitual.

Somente um tipo de morte altera esta disposição resignada e provoca reações coléricas. Basta se divulgar na imprensa que alguém morreu sob tratamento homeopático. É um Deus nos acuda! Muito pior do que se esvair à míngua de assistência médica, é afrontar a tradição e recorrer a uma terapêutica não convencional. Ocorre então um surto generalizado de indignação mesclada com zombaria. É um escândalo!

Contudo, porque alguns se curam com tratamento, seja radioterápico, cirúrgico ou quimioterápico e outros pioram progressiva e rapidamente até o óbito?

É que as estatísticas não valorizam ainda o tipo de paciente; não têm visão geral do enfermo. Só lhes interessa o tipo de patologia e a terapêutica empregada. A prevenção se resume em detectar a presença de células pré-cancerígenas, embora se pesquise ultimamente com mais vigor a relação do câncer com o aparecimento de alguma substância estranha no organismo, ou com o aumento exagerado de algum componente normal.

Muito bem! Não se interrompam as pesquisas bioquímicas, especialmente no campo da Biologia Molecular, porém a Homeopatia pode trazer alguma contribuição. Senão, vejamos: Carl Simonton revolucionou o tratamento do câncer nos Estados Unidos associando psicoterapia a todos os pacientes, independente da localização da moléstia e da terapêutica utilizada, após constatar um entrelaçamento entre o psiquismo e a doença, pois os conflitos psicológicos são considerados a fração interna da enfermidade.

Ora, a homeopatia entra em cena exatamente nesse ato. **É líquido e certo que uma dose única de medicação homeopática não promove a reabsorção de um tumor maligno, tanto quanto a extirpação pura e simples da lesão não recompõe o psiquismo em suas melhores condições.**

No estágio em que o crescimento acelerado da tumoração ameaça as estruturas vizinhas, cujas funções correm o risco de entrar em colapso, é recomendável a intervenção local imediata, com os recursos clássicos da medicina. Nada impede que a esta iniciativa acrescente-se um tratamento homeopático ou similar, visando a recuperação emocional do enfermo, a melhoria de seu estado geral e com isto diminuir a possibilidade de recidiva ou metástase.

Se um paciente nega-se a se hospitalizar por receio das complicações inerentes ao serviço médico-hospitalar atualmente, a exemplo da infecção hospitalar, e opta por um tratamento alternativo, não se pode de maneira alguma tachá-lo de insensato. É uma decisão extremamente difícil e complexa. Por falar nisto, uma pessoa bem ajustada emocionalmente, segundo a

abordagem de C. Simonton, muito dificilmente desenvolverá um câncer em seu organismo. Aí a Homeopatia entra no palco de novo, como um excelente recurso preventivo, na medida em que contribui para o equilíbrio psíquico dos pacientes.

Mas, assim, estou parecendo mágico... Virando o feitiço contra o feiticeiro! Quem morreu sob tratamento homeopático teria sido apenas por não tê-lo iniciado muito tempo antes, o que incrementaria as possibilidades de prevenção a longo prazo, do câncer ou de qualquer outra patologia mais grave.

Pelo sim, pelo não, acho que já temos sérios motivos para iniciar ou manter um tratamento homeopático, sem desprezar todos os demais recursos, caso se tornem realmente necessários...

CENTRAL DE MEDICAMENTOS

Em abril de 1988, tive a honra de ser convidado pelo então presidente da Central de Medicamentos (Ministério da Saúde), Dr. Ronei Ribeiro, para coordenar o projeto de implantação da Homeopatia naquela instituição.

O Dr. Ronei Ribeiro incluía a Homeopatia entre as terapêuticas oferecidas pelo serviço de saúde do Estado de Goiás, quando de sua atuação como Secretário de Saúde, e acreditava que com isto a instituição pública não fazia mais do que atender a uma legítima reivindicação popular.

Lancei-me de corpo e alma. A perspectiva de distribuição de medicamentos homeopáticos na rede de saúde pública do país podia ser muito ambiciosa, todavia mostrava-se possível. Desde que a homeopatia fora incluída no INAMPS, pelo Ministro da Previdência Valdir Pires, **alegava-se a falta de medicamentos homeopáticos disponíveis para fornecer à população carente, como pretexto para não contratar médicos homeopatas ou impedir que muitos já contratados trocassem de especialidade, passando a exercer a homeopatia.**

A CEME realizou uma consulta nacional, expedindo cerca de vinte mil correspondências e montou um mapa dos locais onde havia atendimento homeopático já implantado ou em vias de implantação. A partir deste levantamento, nunca feito anteriormente, surgiram dois aspectos muito relevantes. Primeiro: a demonstração de interesse espontâneo, de aplauso à iniciativa da CEME, por médicos, dentistas, veterinários, psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros, administradores, etc., responsáveis pela direção de centenas das instituições questionadas, desde um minúsculo Posto de Saúde até as secretarias de alguns SUDS (Sistema Unificado Descentralizado de Saúde) estaduais. Segundo: o movimento homeopático não era desprezível; o número de profissionais atuantes ultrapassava a estimativa mais otimista.

Entretanto, nem tudo eram rosas no mar da CEME. O Conselho Consultivo do órgão, constituído por técnicos renomados e capitaneados pelo Dr. Vicente Amato, teria que ser ouvido antes da decisão final da Presidência. Aí começaram os cravos e os espinhos. Decorreram alguns meses enquanto encaminhávamos nova e estranha correspondência, desta vez destinada somente aos homeopatas, para que respondessem ao eminente Conselho a seguinte questão: o medicamento homeopático pode ficar armazenado, ou deve ser usado imediatamente depois de manipulado?

A Comissão das Instituições Homeopáticas mais representativas do País, que gentilmente acederam ao convite da própria CEME para assessorar a execução do projeto, foi considerada incompetente para opinar sobre tal dúvida. Exigia-se uma ampla consulta à classe médica homeopática. Em outras palavras, criou-se um obstáculo administrativo para se dificultar a marcha das providências. Resumindo: convocou-se a burocracia.

Enquanto o projeto era cozido em banho-maria, o Ministro da Saúde foi substituído e em seguida o Presidente da CEME. A partir daí não tive mais acesso às reuniões do Conselho Consultivo. Pouco depois, em nota oficial, o Conselho comunicava a disposição de apoiar pesquisas em Homeopatia e cancelava qualquer perspectiva de distribuição de medicamentos homeopáticos. Assunto encerrado.

Minha idiossincrasia suportou mais duas administrações após a saída do Dr. Ronei,

durando aproximadamente um ano cada uma delas. Ao iniciar a terceira, tivemos uma melancólica entrevista com o Presidente do órgão, que ignorava existir um projeto de homeopatia naquela instituição.

Perdeu o serviço público de saúde uma excelente oportunidade para introduzir em sua rede uma terapêutica de grande eficácia, baixos custos e enorme aceitação popular. Não é muito estranho que uma instituição pública federal boicote a execução de um projeto, resultante da aprovação de uma consulta realizada por ela mesma em todo o país? Será que Freud explica isto??

A HORA DA ALOPATIA

Haverá algum médico que jamais recebeu o impacto de um fracasso? Não terá nenhum paciente em sua clientela ou algum colega que em nome da amizade mútua dê-lhe ciência de um engano cometido?

Para um profissional de brio, errar um diagnóstico é um momento dramático em sua vida; muitos não suportam esta experiência e abandonam a profissão. Durante muitos anos, assumi sozinho a responsabilidade do tratamento clínico de casos graves. Dependendo de uma série de fatores, que não cabem enumerar aqui, passei a solicitar o parecer de um alopata.

Muitas pessoas torcem o nariz e depois desaparecem do consultório, quando proponho a avaliação de um alopata, antecipando a necessidade de se seguir integralmente a sua prescrição... Tornaram-se "mais realistas do que o rei." "Doutor, se eu vim para a homeopatia é porque não quero mais saber da alopata!"

Todavia, não é somente a vontade do indivíduo que determina a terapêutica recomendável à sua situação. Em muitos casos, trata-se de uma interrupção passageira, e o tratamento homeopático pode ser retomado imediatamente.

Não consigo atinar o porquê de muita gente acreditar que a utilização ocasional de medicamentos alopáticos destrua tudo o que foi realizado pelos homeopáticos. Se assim fosse, o benefício alcançado seria frágil demais para merecer qualquer valor.

Vamos agora para o outro extremo. "Doutor, vou ser franca. Trato com homeopatia enquanto está tudo bem. Mas quando a situação se complica, corro para a alopatia." Pessoas com raciocínio semelhante parecem não enxergar que a homeopatia deles é um fracasso a priori. Nem merece chance.

Recentemente, ao participar juntamente com mais dois homeopatas de uma mesa redonda sobre a Terapêutica Homeopática, realizada no Hospital de Base (Brasília), ouvimos um colega alopata afirmar, em outras palavras: "Não sei como vocês suportam assumir tanta responsabilidade... Porque ainda que eu admita que o antibiótico possa não atuar numa determinada amigdalite e posteriormente surgir uma nefrite como conseqüência da primeira, estarei tranqüilo do ponto-de-vista jurídico. Fiz o que a literatura recomenda. O homeopata fica sem esta retaguarda."

Naturalmente, existem critérios... Tentando esclarecê-lo, e aos demais presentes, elucidei: "No tratamento de uma amigdalite, o medicamento homeopático correto vai tirá-lo do quadro agudo em poucas horas. No dia seguinte à medicação, o paciente estará melhor não só dos sintomas clínicos, bem como do humor, do sono e do apetite, o que assegura a ausência de complicações. Caso isto não ocorra, está indicado fazer nova prescrição, que pode se basear mais nos sintomas físicos modalizados, deixando as características de temperamento provisoriamente num plano secundário, e persistindo a resposta insatisfatória, considerar a conveniência de se prescrever algum antibiótico."

Há necessidade de uma grande dose de bom-senso para o exercício prudente da homeopatia. **Alguns enfermos carecem de estímulo para perseverar no tratamento homeopático um pouco mais, sem precipitar a associação de outros medicamentos; já outros**

precisam de injeções de ponderação para fugir ao radicalismo e à fobia de antibióticos e vacinas.

Se você perceber que o homeopata batalha heroicamente para o êxito do seu caso, sem grandes resultados, e as coisas estão se complicando, em especial nas doenças agudas em que a febre se prolonga em demasia, sobre-lhe aos ouvidos, discretamente, que a opinião de um alopata poderia ser recomendável. Mas, se o homeopata é do tipo que indica medicação alopática ante as primeiras dificuldades, sem suar a camisa na tentativa de uma solução homeopática, diga-lhe em alto e bom som que lhe parece estar faltando garra para a função que ele se propõe a exercer.

MATÉRIA MÉDICA

Matéria Médica nada mais é do que o conjunto das características ou sintomas de cada medicamento homeopático, e conseqüentemente quem e o que ele é capaz de curar.

Antes de citar um resumido exemplo, vejamos de novo, rapidamente, a origem dos dados da Matéria Médica. Os mais importantes são aqueles obtidos na experiência com sujeitos sadios após a ingestão voluntária de um determinado medicamento homeopático, e em segundo plano, os sintomas curados repetidas vezes em diferentes enfermos com este mesmo medicamento.

Veja a seguir uma pequena lista extraída dos sintomas da Matéria Médica de um determinado medicamento "A", e tente encontrar alguma correlação entre eles:

a) agitação violenta e incessante nos pés ou membros inferiores; deve movê-los constantemente; não consegue mantê-los quietos.

b) fraco demais para desenvolver um exantema, ou menstruação; para expectorar, urinar; para entender ou recordar.

c) sonhos desagradáveis de estar coberto (lambuzado, untado) com excrementos humanos.

d) convulsões durante puerpério se uma erupção crônica desapareceu recentemente.

e) aversão a andar.

f) desejaria ter alguém em quem pudesse descarregar a sua raiva.

g) inclinação a ter uma mágoa interna secreta.

h) urina involuntariamente enquanto caminha, assua o nariz, tosse ou espirra.

i) agravação geral após ingestão de vinho.

j) supersticioso.

k) expectoração sanguínea, com tosse seca, com dor ardente no peito, pela manhã e ao anoitecer, sempre antes e durante a menstruação.

Poderia acrescentar muitos outros sintomas deste medicamento, mas acho que já é possível se ter uma idéia da complexidade... Faz-se, então, uma laboriosa pesquisa etimológica de cada palavra, em vários tipos de dicionários e descobre-se o que elas têm em comum entre si. Depois, dividem-se os sintomas em dois grupos ou polaridades: o ser (pólo hipertrófico) e o não ser (pólo hipotrófico). No exemplo aqui descrito, concluímos que um tema importante é a integração.

Um jovem de aproximadamente quinze anos tinha, em resumo, a seguinte história: não conversava com ninguém na escola, no edifício em que morava, no curso de inglês, no caratê ou quando visitava familiares. Irritava e criticava a única irmã, três anos mais nova que ele, vinte e quatro horas por dia, sem o menor motivo. Qualquer contato com os outros era extremamente difícil; não conseguia sequer levar um cheque dos pais para pagar a sua mensalidade escolar. Queixava-se que os colegas pareciam excluí-lo propositalmente dos diálogos e programas.

Nas entrevistas mostrava-se lacônico, e quase toda a informação foi obtida através dos genitores, sendo que o pai admitia não aceitar o comportamento do paciente, o que agravava ainda mais o quadro.

Dentre várias outras considerações, diria apenas que a perseguição gratuita à irmã sugere o sintoma "f" relacionado acima: "desejaria ter alguém em quem pudesse descarregar a sua raiva".

A primeira avaliação, um mês após o uso de uma dose única do medicamento "A" na dinamização C 10M, mostrou o seguinte resultado: começou a ser visto dialogando com colegas na escola, a implicância com a irmã reduziu nitidamente, e passou a "paquerar" uma prima discretamente. Tentou expressar-se melhor nas consultas subseqüentes.

A teoria da bipolaridade, baseada na dialética, explica porque **pessoas aparentemente muito distintas às vezes melhoram com o mesmo medicamento**. Um paciente muito polarizado na "integração" pode se mostrar um indivíduo com intimidade excessiva; outro, muito polarizado na "não integração", demonstra dificuldade de se enturmar, mágoas ocultas e tendência a descarregar sua raiva em alguém.

Se você se identificou com o medicamento ou o paciente descrito nesta crônica, é muito provável que você tenha sido contemplado com o seu medicamento homeopático adequado. Tirou o bilhete grande... O nome do medicamento é: Não, acho melhor você verificar primeiro com algum médico homeopata se realmente o tema "integração" é importante em sua personalidade. A diferença entre a matéria médica de dois medicamentos pode ser muito sutil.

Todavia, se algum médico homeopata, lendo estas crônicas, vislumbrar através delas, o provável medicamento homeopático deste autor, por gentileza, não se acanhe. Estou procurando-o.

Posso até adiantar mais alguma coisa a meu respeito: adoro a "simplicidade". Qualquer informação segura sobre o medicamento correspondente a este tema tão simples será regamente recompensada.

VACINA HOMEOPÁTICA

São vinte e três horas, de uma quarta-feira, quando ouço surpreso um comunicado da telefonista: "Doutor Gilberto, teleconferência para reunião da diretoria da Associação Médica Homeopática Brasileira; aguarde na linha, por favor, enquanto fazemos contato com os demais diretores."

Daí a pouco estamos cerca de dez elementos da diretoria em comunicação uns com os outros. O presidente nos informa que a reunião fora convocada sem aviso prévio, porque havia um problema urgente a ser tratado. Com voz pausada e tranqüila, foi nos inteirando do fato. O Departamento de Terapêuticas Alternativas da Secretaria de Saúde de uma importante cidade brasileira colocou em prática um programa de distribuição gratuita em larga escala de **Meningococcinum** com a finalidade de ajudar a combater uma epidemia inicial de meningite naquele Estado. Milhares de pessoas acorreram aos postos de distribuição.

Imediatamente, alguns órgãos médicos oficiais publicaram nota na imprensa repudiando tal iniciativa. O problema atingira proporções indesejáveis. A homeopatia estava de novo assentada no banco dos réus. Condenada a priori por alguns e, na opinião de outros, único recurso possível tendo em vista a falta de vacina, em fase de importação de Cuba.

Os integrantes do Departamento de Terapêuticas Alternativas batiam às portas da Associação Médica Homeopática Brasileira (AMHB), buscando orientação e apoio. Um dos componentes do Departamento participaria conosco daquela teleconferência. Sem abordar nenhum assunto além deste, a reunião só foi encerrada às duas horas da madrugada, quando se chegou a um consenso a respeito do assunto. No curso de três horas de conversação, na verdade o que se discutia era se existe ou não vacina homeopática.

Argumentos de cá, argumentos de lá, aspectos a favor, aspectos contra, foi um diálogo interessante, cordial e instrutivo. O **Meningococcinum** é um preparado homeopático produzido a partir de culturas de diferentes espécies de **Meningococo**, que é o agente da meningite epidêmica. Estaria faltando alguma coisa, pergunto ao leitor, para que este preparado, por exemplo, **Meningococcinum** 30 CH se transforme em medicamento homeopático, ainda que a manipulação tenha sido conforme as recomendações da farmacotécnica homeopática?

Falta-lhe apenas um detalhe: saber para que ele serve. Não foi experimentado o suficiente em indivíduos sãos para se saber o quadro de sintomas que lhe são característicos ou peculiares, e conseqüentemente o que é capaz de curar. É mais ou menos como se você tivesse uma linda noiva no altar e os convidados presentes, mas o noivo nunca foi visto...

Ao distribuir um preparado homeopático em larga escala na comunidade, o citado Departamento de Terapêuticas Alternativas deu-se ao trabalho de explicar que não era uma vacinação, no sentido tradicional do termo, mas um estímulo para se aumentarem as defesas orgânicas, e que o preparado homeopático não se constituía num medicamento homeopático, na acepção mais exata do mesmo. Ora, um homeopata prescrever preparados homeopáticos e alegar que não são rigorosamente medicamentos homeopáticos é algo complicado de se entender.

Discernir homeopatia de coisas tão próximas é realmente difícil. A maioria da população ainda confunde fitoterapia (terapêutica à base de plantas) com homeopatia, quanto mais com

preparados homeopáticos que não são ainda verdadeiros medicamentos homeopáticos... Usá-las com fins terapêuticos sem o conhecimento de seus efeitos em indivíduos sadios tem, a meu ver, o significado equivalente a dar um cheque sem fundos.

Desligo o telefone cansado, mas feliz. Não só pela deliberação, como também pelo nível cordial do debate. No dia seguinte a AMHB distribuiu nota à imprensa explicando não se tratar aquele preparado verdadeiramente de um medicamento homeopático, ao mesmo tempo em que reivindicava o direito das demais terapêuticas oferecerem à sociedade a contribuição que lhes for possível para a solução de seus graves problemas de saúde.

Na preparação de uma vacina, no fundo, utiliza-se de princípios homeopáticos e alopáticos, pois a prevenção é feita com o próprio agente que provoca a doença, e isto tem um certo cheiro de homeopatia, como também a dose pequena que produz um resultado geral no paciente. Às vezes, temos a impressão que a vacinação representa muito mais um ponto de união do que de divisão entre estas duas abordagens terapêuticas, e embora as vacinas ainda tenham que ser aperfeiçoadas em diversos aspectos, para se evitar alguns inconvenientes, não podemos deixar de aplaudi-las como uma das maiores conquistas da ciência médica em todos os tempos. Quem sabe como era antigamente o drama de uma epidemia de varíola dizimando populações inteiras sabe do que estou falando...

SANTA ARNICA PADROEIRA DOS TRAUMATIZADOS

O primeiro esboço de projeto que apresentei ao Conselho Consultivo da Central de Medicamentos, logo que tomei pé da situação, foi recusado delicadamente. Acharam-no inviável.

Imagine o leitor que sugeri a distribuição de dez medicamentos homeopáticos pela CEME com instruções que possibilitassem a prescrição deles a qualquer médico, fosse ou não homeopata.

É óbvio que eu não pretendia que os alopatas fossem capazes de usar os dez medicamentos baseados em seus respectivos "temas", porém, tinha em mente um uso secundário. Dá-se o nome de "**específico**" ao medicamento cujo conjunto de dados assemelha-se muito a um determinado sintoma ou quadro clínico.

Vejam um exemplo clássico, muito conhecido dos usuários desta terapêutica: **Arnica montana**. Possui como um de seus itens peculiares a sensação de machucadura nos músculos, que se repete exaustivamente em sua Matéria Médica. Em qual ocasião surgem pacientes com esta queixa? Geralmente após alguma pancada, queda ou traumatismo. Então, diz-se nos círculos Hahnemanianos que **Arnica** é o "específico" para hematomas, que são aquelas manchas arroxeadas e dolorosas decorrentes de um traumatismo.

Agora, se foi na canela, sem maiores conseqüências, ou se foi um TCE (traumatismo crânio-encefálico) grave, seguido de coma e risco de vida, não faz diferença. **Arnica** nele! (É bom lembrar que se usa corticóide tanto para uma dermatite quanto para um TCE, dentre outros).

Qual a porcentagem de pacientes que irá se beneficiar? Vinte, trinta, cinquenta? Infelizmente, não se sabe. Esta é uma pesquisa a se fazer. A hipótese seria: "o uso de Arnica C30 diminui o tempo de permanência na UTI ou o número de complicações por TCE"?

Seriam formados dois grupos:

a) pacientes com TCE, que são medicados com os recursos clássicos da Alopatria (corticóide, etc.) e **Arnica** C30.

b) pacientes com TCE, que são medicados com os recursos clássicos da Alopatria (corticóide, etc.), e placebo (substância líquida, alcoólica, simulando o medicamento homeopático).

Exceto o diretor da pesquisa, os demais participantes e mesmo os analistas dos resultados devem ignorar quais os pacientes foram medicados com **Arnica**, e quais aqueles que receberam o placebo. A isto se dá o nome de pesquisa em duplo ou triplo cego, e é hoje uma condição essencial para se validar um trabalho científico.

Se várias pesquisas mostrarem que **Arnica** não tem efeito significativo em pacientes com TCE, vamos para a segunda etapa, que constituirá na seleção prévia de pacientes a serem incluídos na pesquisa. Eles teriam que apresentar pelo menos três sinais ou sintomas de uma lista contendo algumas características da Matéria Médica de **Arnica**. Por exemplo:

1- delírio murmurante.

2- responde consciente, e cai imediatamente de novo em estado de torpor.

- 3- convicção de que vai morrer.
- 4- diz estar bem apesar de muito enfermo.
- 5- vertigem ao fechar os olhos.
- 6- uma bochecha quente e avermelhada, e a outra fria, ou pelo menos não quente.
- 7- parte superior do corpo quente, parte inferior fria.
- 8- tudo sobre o que se deita parece-lhe duro demais.
- 9- desejo de vinagre.
- 10- medo de ser tocado, de ser golpeado, atingido por aqueles que caminham em sua direção.
- 11- etc., etc.

Outras variações poderiam ser introduzidas na seqüência destas pesquisas.

Num país como o Brasil, em que a incidência de traumatismo crânio-encefálico é assustadora, especialmente devido a acidentes automobilísticos, penso que se a Homeopatia tem algo a contribuir, não deve ter receios... **Nosso objetivo deve ser facilitar o acesso dos alopatas no que for possível, e não dificultá-lo, esclarecendo sempre que os horizontes homeopáticos estendem-se muito além do tratamento da enfermidade clínica.** Pesquisas semelhantes a esta poderiam ser feitas com vários outros medicamentos homeopáticos visando quadros clínicos diferentes. No diálogo a seguir é possível se ter uma idéia destas opções, ao imaginarmos a reação dos demais medicamentos homeopáticos ao estrelismo de **Arnica**:

"E o pós-operatório?" pergunta **Calendula**, afoita. "De queimadura, **Arnica** não entende vírgula!", protesta **Cantharis**. "Em relação aos vermes, coitada!", graceja **Cina**. "Não é bem o que eu recomendaria para picada de insetos ou animais venenosos!", ironiza **Ledum**.

"Calma, crianças!" - digo eu. "Vocês todas são lindas! Prometo-lhes arranjar mais espaço para algumas de vocês em outra oportunidade. Sem brigas!... E não me venha com ameaças de malária, **China**! Sei muito bem do que você é capaz, sua danadinha!"

PEDIATRIA HOMEOPÁTICA

Passaram-se três meses entre a redação desta crônica e a anterior. Não estive em Cuba, como está na moda e nem fui à Europa, portanto, não trago novidades internacionais. Quando muito, passei os dias do Carnaval em Ituiutaba, visitando os familiares.

Mas chego a admitir que em dez anos de exercício profissional talvez em nenhuma outra época tenha ocorrido mudança tão rápida e profunda em minha prática clínica. Resumo em poucas palavras: passei de fato a trabalhar com crianças. Ora, esta afirmativa há de causar um certo espanto. Com certeza enlouqueceu, dirão todos. Pois se já era pediatra e só agora passa a trabalhar com crianças, e ainda reputa como fato de grande significado...

E antes que novas e precipitadas conclusões se estabeleçam, convém que eu esclareça com mais detalhes os acontecimentos. Andava eu distraído da vida, exercendo a homeopatia pediátrica tradicional, isto é, atendia crianças obtendo a maior parte da informação através dos pais ou responsáveis, o que em muitos casos fica bastante insatisfatório, devido à insuficiência de dados.

O que fazer então para extrair os dados necessários diretamente da criança e como utilizá-los ou transformá-los em dados homeopáticos? Basta empregar algumas técnicas muito usadas em psicologia e pedagogia tais como desenho, jogos e brincadeiras. Inicialmente, participei de um curso de "psicodiagnóstico", promovido pela Sociedade Brasileira de Psicoterapia, Dinâmica de grupo e Psicodrama, Regional Brasília, e depois venho complementando com estudos sobre o tema, com realce para o livro "Descobrimos crianças", de Violet Oaklander, recomendável a todos os pais e professores.

Tenho ouvido estórias incríveis... Não consigo conter-me e vou sintetizar uma delas, de uma garota de onze anos, narrada após fazer um desenho no quadro de giz: "Quanto mais alto voava um gavião melhor ele se sentia; mas veio uma tempestade, ele quebrou a asa e caiu num galinheiro. Achou que todos ali eram loucos porque viviam ciscando, e sentiu-se perdido. Porém, ganhava comida e água, e foi se acomodando. Fez amizade com o dono do galinheiro. Tinha medo de voar novamente e surgir outra tempestade enquanto estivesse nas alturas. Melhorou a asa e continuou ali muito tempo. Até um dia em que criou coragem, começou a aprender a voar de novo e depois voou mesmo, após se despedir de todos, inclusive do dono. Agradeceu e se mandou para sempre!"

Uma estória como esta condensa toda a visão do mundo e a postura da criança diante da vida. São muitos os dados que podem ser repertorizados, e que os pais e a menina jamais expressariam dentro da abordagem homeopática tradicional. Os resultados clínicos alcançados têm sido muito animadores.

No entanto, não foi assim tão fácil. Custou-me uma tonelada de ansiedade: será que é isto mesmo? Terá o alcance que suponho? Como ampliar rapidamente minha capacidade de usar estas técnicas? Desde então, passei a ter um contato quase semanal com Vera Violeta, terapeuta infantil, fazendo uma espécie de supervisão e me aperfeiçoando neste terreno.

Ao participar de uma mesa redonda sobre Homeopatia Pediátrica, em recente Congresso Brasileiro de Homeopatia, apresentei o caso de uma paciente de 11 anos cuja fase inicial de

tratamento foi baseada nas informações da mãe e depois naquelas obtidas diretamente da criança, através de desenhos e brinquedos. Algum tempo depois vários colegas presentes informavam-me do sucesso obtido com a aplicação destas técnicas, confirmando o meu entusiasmo com as descobertas iniciais...

O SELVAGEM

Tenho em minha casa um elemento altamente primitivo. Manifesta-se sempre por intermédio de gritos estridentes e contínuos. Fosse isto o problema, eu me daria por resignado, mas o selvagem às vezes, irrompe o seu histerismo, nas horas mais inconvenientes e indiscretas, e só se cala quando lhe dou ouvidos.

Vejam os exemplos do que já ouvi desta criatura, ao atender seus clamores, tomá-lo nas mãos e ajustá-lo à minha orelha: "Doutor, estive com o Carlos no seu consultório hoje à tarde. Fui direto à farmácia e dei o medicamento que você me receitou. Já faz quatro horas e a febre continua. Estava em 38 graus, depois 38,5 em seguida abaixou para 37,8 e de novo subiu para 38,2...".

O selvagem é mais conhecido pelo nome de telefone, e vê-se que às vezes seu comportamento não é muito civilizado. **Acontece que muitas chamadas são por motivo de ignorância das noções elementares de homeopatia; as instruções são mais para fazer esclarecimentos do que indicar providências médicas.** Torna-se uma atividade educacional.

Dentre os esclarecimentos úteis que o homeopata realiza por via telefônica, destacam-se os referentes à "agravação", popularmente conhecida como "reação ao medicamento", que causa temor a muitas pessoas. Determinados enfermos apresentam uma intensificação transitória de alguns sintomas após o uso do medicamento e isto pode ser necessário para se alcançar a cura, pelo menos no atual estágio da homeopatia. A intervenção com outros recursos terapêuticos ou mesmo associação de diferentes medicamentos homeopáticos nesta fase pode ocasionar prejuízos importantes na evolução do caso. Todavia, deve-se ter muita prudência (conforme foi dito na crônica "Veneno de cobra") porque nem toda piora clínica depois de uma medicação homeopática significa um sinal positivo, e, dependendo da avaliação, uma nova prescrição torna-se indispensável. Esta agravação também pode aparecer através da repetição de uma crise da enfermidade que o paciente costumava apresentar anteriormente, seja amigdalite, bronquite, convulsão, enxaqueca, etc., mas existem sinais de melhora do paciente como um todo, isto é, temperamento e estado geral, que vão permitir ao médico avaliar se o caso evolui para a cura ou não. Na evolução favorável, é comum as crises se tornarem cada vez mais brandas e mais espaçadas até desaparecerem.

A febre continua sendo o terrível flagelo de inúmeras mães, e a comunicação telefônica torna-se extremamente necessária. A maioria das pessoas tem medo de ocorrer uma convulsão, não pelo risco de ser uma meningite ou qualquer outra patologia grave, porém o temor é de ver a criança se contorcer durante um a dois minutos, o que lhes parece uma eternidade. Combater a febre de maneira sistemática por receio de presenciar uma convulsão revela uma atitude precipitada. Saiba que uma pesquisa americana demonstrou que mesmo doentes tratados com medicamentos alopáticos recuperaram-se mais rápida e completamente quando não foi utilizado nenhum antitérmico, em comparação com o grupo que o fez. Muita gente não sabe que a convulsão febril só ocorre até os quatro anos e meio de idade e apenas em pessoas que mostram tendência a manifestar esta alteração, e neste caso, **os espasmos convulsivos podem surgir inclusive com febre baixa (37,5 graus centígrados), confirmando que o fator predisposição é**

mais importante do que a intensidade da temperatura corporal. Muitos neuropediatras não recomendam o uso de anticonvulsivantes para crianças que apresentam ocasionalmente convulsão durante a febre, e nós consideramos esta uma conduta sensata.

Para ser mais claro, acho que se pode comparar a convulsão a uma espécie de diarreia do sistema nervoso, em que uma descarga elétrica parte do cérebro rumo à periferia através dos nervos. Em algumas crianças, o bloqueio destas "evacuações elétricas" por meio de algum tratamento, seja homeopático, alopático, etc., que obtém resultado apenas parcial, provoca o aparecimento de distúrbios ainda piores, tais como agitação, problemas de aprendizagem e perturbações do sono. E se você quer mesmo saber, este conceito acima é denominado "supressão" e representa uma grande contribuição da homeopatia para se avaliar o andamento do caso clínico. Fique atento para ver como você fica emocionalmente após um tratamento, qualquer que seja a terapêutica empregada, e de qual órgão melhoram e aonde tendem a aparecer os seus sintomas. A doença se complica de fora para dentro e de baixo para cima, portanto, não fique feliz com o desaparecimento de uma diarreia freqüente ou de um corrimento, se algum tempo depois surge uma obstrução nasal, ou conjuntivite, ou azia, os quais não existiam antes.

O papel do telefone no trabalho do homeopata revela, pois, vários aspectos positivos. Orientações importantíssimas que tranqüilizam o paciente e dão-lhe segurança para suportar uma agravação ou entender que o aparecimento de um determinado sintoma pode ser um ótimo sinal quanto à perspectiva de cura, tornam-se possíveis graças ao contato telefônico. Quando penso no tumulto que seria o meu consultório se eu não contasse com um "selvagem" ali, bem do meu lado, e todos os meus pacientes tivessem que falar comigo pessoalmente, fico muito grato a este ser primitivo. Chego até a olhar para ele com um pouco de ternura, e me esqueço por completo daqueles dias em que ele se mostra muito impertinente, nos quais tenho que me conter para não puxar-lhe as orelhas e dizer-lhe: "Oh criatura! Porque você não segue o exemplo de Mahatma Gandhi e fica em absoluto silêncio pelo menos um dia na semana?"

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Depois de algumas intermediações, contatos políticos e entrevistas, conseguimos emplacar um projeto de homeopatia na Universidade de Brasília (UnB), através de um convênio com a Central de Medicamentos. Em outras palavras a CEME repassaria uma verba para a UnB executar a produção de um livro de homeopatia, nos moldes de ensino à distância, e o trabalho seria levado ao público como uma produção conjunta das duas instituições.

Na qualidade de coordenador do projeto, convidei alguns colegas para compor o grupo de redatores e incluímos a realização de uma pesquisa com medicamentos homeopáticos em indivíduos sadios, sendo que os medicamentos viriam da Homeopatia Vitae, Belo Horizonte, numa preparação especial para esta finalidade.

Equipe montada, mãos à obra. Nosso conhecimento de homeopatia deveria ser transmitido na forma de um Curso à Distância, isto é, o livro seria didático, e cada capítulo conteria exercícios para a auto-avaliação do aluno.

Nos meses em que se deu a elaboração dos textos, mantivemos sucessivos encontros e reuniões com a orientadora pedagógica Terezinha Rosa Cruz, do Centro de Ensino à Distância, da **UnB**, que nos indicava as diretrizes e fazia crítica ao material que íamos produzindo.

A linguagem dos textos e os exercícios acabaram por tornar este Curso de Homeopatia à Distância, denominado "Homeopatia - você sabe o que é?", uma contribuição singular à literatura homeopática. Fizemos uma primeira apresentação das unidades para grupos experimentais, especialmente na Central de Medicamentos e corrigimos as falhas.

A partir de então, deu-se início à tragédia. A Universidade de Brasília não conseguiu publicar o livro dentro do período estabelecido pelo convênio, e o restante da verba foi devolvido à **CEME**. Transcorridos quase três anos de idas e vindas, a **UnB** não editou ainda o nosso trabalho, apesar de todo pronto, isto é, com diagramação, ilustrações, arte final, etc. Não é incrível isto? Como dizia um antigo programa de televisão, "acredite, se quiser.."

A VARINHA MÁGICA

Um dos "gurus" da Escola de Homeopatia na Argentina, nos idos de 1979, dava aulas práticas muito concorridas, e ao término, efetuava uma pregação que emocionava a todos os presentes. Seu discurso era invariavelmente o mesmo: a apologia do "simillimum", nome que se dá ao medicamento homeopático ideal para um determinado paciente.

Sua figura octogenária causava-me profunda simpatia, porém, a pregação parecia-me um tanto exaltada. O "simillimum", dizia ele de maneira cândida, "liberta a criatura humana do egoísmo infantil para a maturidade do altruísmo". O auditório ficava vidrado. Os doentes atendidos nestas aulas públicas pareciam sair deslizando, num sutil processo de levitação, tamanha a transcendência da dissertação.

Existem casos em que a resposta ao medicamento é extraordinária, surpreendente. No entanto, não posso concordar que tudo se resuma ao fato de se encontrar a medicação homeopática mais adequada (a mais semelhante possível) ao paciente. Outros fatores devem ser computados na análise deste intrincado problema. Refiro-me, por exemplo, ao indivíduo que no seu íntimo, e às vezes de maneira inconsciente, não crê em sua própria cura; submete-se a tratamentos visando apenas algum alívio, mas não consegue se imaginar sadio. Este fator, que denominamos de "expectativa de cura", quando muito desfavorável, poderia, a nosso ver, impedir ou reduzir bastante o efeito do próprio "simillimum". Além disto, muitas pessoas se apóiam em sua própria doença para justificar uma porção de coisas que fazem ou deixam de fazer, transformando sua enfermidade numa espécie de "muleta psicológica", a qual é muito doloroso abandonar. Diversos outros fatores que facilitam ou dificultam a cura, analisados de distintos ângulos, são abordados no livro **Evangelhoterapia - A ciência de amar**, deste mesmo autor, publicado pela Editora Ground.

A lenda do "simillimum" é muito útil à homeopatia. Faz-nos debruçar sobre a Matéria Médica muitas e muitas horas buscando aprimorar nossos conhecimentos para aumentar na Terra o número de pacientes bem-aventurados...

Recentemente, acrescentei na minha estatística um caso provável de "simillimum", aguardando que o tempo confirme esta primeira impressão. Trata-se de um garoto de cinco anos, filho de pais separados. A queixa principal da mãe referia-se ao comportamento dele.

"É terrível, doutor. Não me obedece de jeito nenhum. Não adianta bater. Tenho que lhe confessar que às vezes ele me deixa louca, e dou-lhe umas palmadas. Mas é do tipo durão, não chora de jeito nenhum, fica me olhando, firme..."

No seu relacionamento com a irmã e outras crianças, a informante acrescentou: "não combina para brincar com ninguém. Tem um cuidado exagerado com suas coisas. Acha que tudo dele é melhor que dos outros. Só quer brinquedos caros. Ganhou um presente de aniversário e disse para o coleginha que era uma porcaria, que não queria aquilo não!"

Entretanto, qual não foi a minha surpresa um mês depois, quando a mãe retorna ao consultório com o peraltinha, e foi dizendo logo de início: "Acho que você conseguiu dar um jeito nele, doutor..." E prosseguiu espontaneamente: "O Felipe voltou a escutar, doutor. A sensação que eu tinha é que ele era surdo, não adiantava falar... Agora ele me atende; não quer dizer que me obedeça sempre, mas pelos menos já me escuta. Está se dando muito melhor com as crianças do bloco. A professora disse que Felipe está mais calmo, se enturmado mais, e não fica brincando tanto sozinho como antes".

Ansiosa como sempre, a mãe mal espera concluir o relato sobre o garoto e pergunta: "Será possível obter uma poção mágica igual à dele para também resolver o problema da irmã? Pois saiba de uma coisa: ela está uma verdadeira pestinha".

Emplaco um largo sorriso, aciono o acelerador de partículas brilhantes no olhar, balanço a cabeça afirmativamente e respondo: "Acredito que sim! Por que não tentar?!"

Enquanto isso, lembro-me do antigo e inspirado professor e fico matutando... Afinal de contas, a diferença entre o "simillimum" e a varinha mágica é de apenas algumas dinamizações homeopáticas.

PSICOTERAPIA

Eduardo estava mudado. Completara treze anos recentemente, e perdera as feições infantis desde nosso último encontro, cerca de um ano e seis meses antes. "Rapazote" – foi a definição da mãe, fitando orgulhosa o seu rebento. "Não quer mais saber de brinquedos, doutor", dizia ela. "Um mocinho!"

O jovem faz um trejeito, contraindo a fronte, sacode os ombros e virando-se para D. Eleonora replica: "É, mas você não me deixa sair com meus amigos!..."

Pronto - foi um bom início, imaginei comigo mesmo.

A genitora viera preparada para o debate. Sacou da mímica um semblante em que mesclava seriedade e desgosto e lancetou:

- "Não me diga que você se esqueceu do motivo, Eduardo!... E a escola, Eduardo, e a escola?!" E voltando-se para mim, acrescenta: "Perdeu média, doutor, em duas matérias. E não foi por falta de aviso. Levou na flauta e deu nisto! Até a avó dele, que é professora, deu-lhe uns conselhos, que não adiantaram absolutamente em nada".

Fez-se silêncio por alguns instantes. Procurei os olhos de meu paciente, na tentativa de captar alguma emoção ou sentimento, e me senti como quem está condenado, sem direito à defesa. Na verdade, é como se me dissessem: "eu até gosto de estudar e me senti envergonhado pelas minhas notas, mas esta é a maneira que estou encontrando para dizer uma porção de coisas..."

D. Eleonora prosseguiu incriminando seu filho. Percebi que ela precisava realçar bastante aquilo que considerava um delito do jovem, para se sentir mais aliviada pelas medidas punitivas que vinha tomando. Por fim, decidira levar o paciente a um psicoterapeuta e perguntava a minha opinião.

- "Vejam todo o caso primeiro - ponderei, cauteloso- e ao término dou-lhe meu parecer."

Meu primeiro impulso foi apontar-lhe sua incompreensão para com o filho, mas tal gesto seria condená-la, e condenar ela já sabe fazer muito bem, como demonstrou em relação ao filho. Para que ela aceite melhor o jovem, é necessário que eu a compreenda, porque sua atitude se baseia numa série de valores e crenças muito importantes para ela.

Qualquer terapia, a meu ver, deveria ser voluntária ou no máximo sugerida. Constranger ou insistir com alguém para que faça terapia parece-me algo totalmente sem sentido, porque a chance de sucesso torna-se remota. Quando se tenta impor, torna-se apenas mais uma dentre as muitas imposições que são feitas ou que se tenta fazer e o resultado costuma ser desanimador. Às vezes, tenho a impressão que colocar uma criança ou adolescente em terapia significa fortalecer o seu potencial de expressar-se e isto só tem alguma razão de ser quando os pais estão dispostos a ouvi-lo, para depois juntos encontrarem uma saída ou solução que atenda às necessidades de ambos.

Ter como expectativa que o filho mude para "melhor" com a terapia dá-me a sensação de uma ingenuidade útil, porque se transforma num meio freqüente de se iniciar este processo. Agora, dentro de uma relação terapêutica bem conduzida, o resultado só pode ser o paciente encontrar-se um tanto mais consigo mesmo, e isto em certos casos corresponde a uma acentuação

daquelas características já existentes e vistas como problemáticas pelos pais. Esta evolução aparentemente desfavorável pode ser um grande bem para o paciente.

Por outro lado, admitir a hipótese de que a criança ou jovem possa fazer terapia indica uma busca de solução, demonstra um reconhecimento de que existe algum problema importante de conduta e/ou relacionamento, e isto tem imenso valor porque aceitar a existência de um problema é imprescindível para resolvê-lo.

A não ser em casos excepcionais, só opino se vejo indicação de se levar o paciente para um psicodiagnóstico e eventual terapia, após fazer um acompanhamento durante três ou quatro meses, de uma consulta mensal, trabalhando diretamente com a criança ou jovem. Quem decide se há indicação é o terapeuta e não o homeopata; este pode apenas recomendar um psicodiagnóstico. Entretanto, quando sou simplesmente informado pelos pais que vão levar o filho para fazer terapia, não emito opinião, porque a decisão já está tomada. Sei que daí algum tempo, muito provavelmente, a criança estará se expondo com mais facilidade em nossas consultas homeopáticas, e o resultado do tratamento tem maiores chances de ser bem sucedido.

Após três meses de acompanhamento do Eduardo, constatei que se tratava de jovem com sinais fortes de angústia, autodepreciação importante e tendência autodestrutiva. Disse-lhe então, juntamente com a mãe, que achava válida a idéia de um psicodiagnóstico, explicando-lhe as razões. Combinamos que as consultas homeopáticas passariam a ter um intervalo de dois meses, e que eu manteria contatos com a terapeuta, a fim de integrar este nosso trabalho. Eduardo aceitou prontamente a minha sugestão, e aí me dei conta de que o meu trabalho serviu como uma preparação para a terapia, e sem pretender, o tratamento homeopático havia aplainado aquele acidentado terreno familiar...

AUTOMEDICAÇÃO

No último ano, Ângela dispensou meus serviços profissionais porque o medicamento que lhe prescrevi foi fantástico. Teve ainda algumas crises de sinusite, muito leves -- dizia-me contente-- que cederam rapidamente com mais uma dose de **Oleander** 130 CH. Somente há quinze dias atrás tivera que recorrer ao antibiótico, e então decidiu que era tempo de voltar ao homeopata...

Já o caso de Dinorá não tinha se beneficiado com o tratamento homeopático, após cinco consultas com intervalo mensal, e o desânimo fica patente: "Doutor, uma amiga minha que usa "Florais", deu-me o nome de um medicamento que ela acha ter muito a ver com este meu problema de medo e insegurança. O que você acha de eu usá-lo?"

Maria das Graças faz acompanhamento homeopático religiosamente há alguns anos. Costuma dizer aos quatro ventos que a sua vida se divide em antes e depois da homeopatia, e depois de três meses de intervalo, retorna fazendo a apologia de sempre, relatando uma incrível melhora com a última medicação prescrita e acrescenta displicentemente: "meu intestino ficou preso e voltei a usar aquele remédio homeopático número.....".

Toda forma de automedicação tem riscos. Seja com homeopatia, alopatia, florais, receituário mediúnico, fitoterapia, etc. O que não significa que você não possa em determinadas circunstâncias repetir uma medicação já prescrita para o seu caso, e com a qual você se deu bem, e logo que possível entrar em contato com o médico para saber se deve tomar alguma outra providência.

Se o profissional acompanha o caso com uma visão do paciente como um todo, pode detectar o rumo inconveniente que a enfermidade está tomando e intervir antes que se instale a doença.

Muitas pessoas reclamam que o tratamento homeopático demora excessivamente. Eu também acho. Mas não se percebe que há uma enorme diferença entre tratar a doença e tratar o indivíduo. Para a primeira, geralmente basta uma consulta, enquanto o último requer uma série, e com muito empenho na observação das mudanças após cada medicação.

Existem situações em que a automedicação é preferível à inércia, que agravaria progressivamente a moléstia. No entanto, se o paciente está se submetendo a um tratamento sério, e a medicação detém um potencial mais abrangente, o fato de ter que usá-la repetidas vezes indica que não se obteve ainda uma melhora estável e não se deve fazer isto sem orientação médica.

Por tudo isto, a associação de medicamentos e de terapêuticas deve ser feita com muito critério. Para início de conversa, é difícil um profissional ser competente em duas especialidades, ainda que muito afins entre si, e quando você recorre a dois profissionais, se eles não se comunicam um com o outro para avaliar o seu caso, ficam ambos dependendo da própria avaliação do paciente, o que significa que não houve integração da atenção à saúde. Diz o ditado popular que "quem tem um médico, tem um; quem tem dois, tem meio, e quem tem três, não tem nenhum".

André tem doze anos e melhorou bastante com o tratamento homeopático; ficou mais acessível na relação com familiares, com os quais era muito agressivo; deixou de ser tão

preocupado com seus deveres e notas na escola, lidando com as provas de maneira mais descontraída e, até que enfim, fez amigos no Bloco onde moram há vários anos. No entanto, a otite crônica, que motivou o acompanhamento homeopático, não ficou completamente curada. A membrana timpânica do ouvido direito não se refez, embora apenas de vez em quando elimine alguma secreção, o que antigamente era constante. Voltamos a associar alopatia, através de um "otorrino" e o paciente foi submetido à cirurgia reconstrutora há seis meses. Em seguida, mantivemos acompanhamento homeopático e até o momento vai tudo muito bem, obrigado.

Se você estivesse construindo uma casa, aceitaria sugestões de qualquer pessoa sobre o modo mais recomendável de fazer a fundação, os alicerces, a laje ou a tubulação? Até mesmo um engenheiro, estranho à obra, pode dar uma opinião completamente inadequada, e isto demonstraria até mesmo falta de ética profissional. As questões de saúde são frequentemente ainda mais complexas... Sabemos que a formação universitária nem sempre capacita o indivíduo para o exercício profissional, porém ele assume a responsabilidade sobre o caso, inclusive do ponto-de-vista jurídico.

Imagine que você percebeu conseqüências indesejáveis após o uso daquele medicamento homeopático ou floral que sua amiga te indicou. Ah, quer mesmo saber o que dá vontade fazer? O que eu gostaria é de dizer-lhe assim: "Antes de você retornar à consulta homeopática, por favor, marque um horário com a cidadã que te receitou estes medicamentos, conserte os estragos e depois reapareça." Mas, isto seria empurrá-lo mais ainda para o fundo do poço, e acho que faz parte do trabalho do médico descascar estes abacaxis. Mas, tenha mais cuidado e carinho com você mesmo. Afinal de contas, pior do que uma casa com goteira é construir uma mansão que pode desabar a qualquer momento...

O MILAGRE

Renata apareceu-me a primeira vez no consultório com pouco mais de quatro anos de idade, na condição de filha adotiva de mãe divorciada. O que lhe faltava de tamanho, sobrava na agitação e no excesso de pelos em todo o corpo. Não havia desenvolvido quase nada da fala, e mais parecia uma pequena ferinha agressiva e desobediente. E quando D.Ester a repreendia com firmeza, respondia-lhe com tapas e cara feia.

Segundo o relato da mãe, além da inquietude constante, agredia outras crianças sem motivo, puxando os cabelos e mordendo, e fazia pirraças homéricas ao ser contrariada. Acordava de madrugada aos gritos pelo menos uma vez por semana, apavorada, e só reconciliava o sono depois de muito carinho materno. Vivía com uma fralda amarrada ao pescoço para conter a salivagem abundante. E como se não bastasse, crises de bronquite freqüentes.

Após algum tempo de acompanhamento, solicitei avaliação por um neuropediatra, sendo confirmado minha impressão de retardo no desenvolvimento psicomotor e a cabeça discretamente diminuída, sem causa aparente. Posteriormente, foi avaliada por endocrinologista que também não encontrou a origem dos distúrbios apresentados pela pequena paciente. Tampouco um geneticista conseguiu esclarecer o caso.

Com o tratamento homeopático, amenizaram-se as crises respiratórias, dilatando-se o intervalo entre elas, e melhorou consideravelmente o sono, contudo o comportamento da Renatinha seguia quase o mesmo.

A postura de D.Ester diante das atitudes da filha e das limitações médicas para esclarecer sua enfermidade, bem como ajudá-la de forma mais evidente, chamaram-me a atenção desde o primeiro dia em que nos vimos. **Ensinava-lhe a mesma coisa, repetidas vezes, sem irritar-se, acariciava-a sempre que a proximidade lhe permitia, comentava suas diminutas conquistas na fala com brilho nos olhos e transmitia-me uma sensação profunda e intensa de que aquela menina diferente e esquisita era amada de todo o coração.** Aprendi com ela a gostar da "Nata". Toda vez que via o estetoscópio parecia ficar atacada de um desejo incontrolável de manipulá-lo, e com o auxílio da mãe acabamos conseguindo que o fizesse sem nenhum dano ao meu instrumento de trabalho e no final de cada consulta, nós três reuníamos os brinquedos espalhados por todos os cantos da sala. Nunca a ouvi queixar-se de cansaço, ou que "esta menina me dá muitos problemas".

Depois vieram as dificuldades na escola, que solicitou a transferência da garota ao encerrar o primeiro ano de atividades. Fiquei literalmente arrepiado de emoção quando D.Ester me descreveu sua argumentação para sensibilizar a diretora e orientadora educacional a fim de que revissem aquela decisão e autorizassem a permanência da Renata naquele estabelecimento de ensino. Era a mais pura declaração de amor que se podia fazer a uma criança.

Percebi o quanto lhe era difícil escolher escola para a filha. Dizia-me que geralmente se supervaloriza o método educacional utilizado, as instalações, em especial o espaço para recreação e atividades esportivas, e o volume de informação, no entanto, o mais importante, muito mais do que estes citados fatores é a professora, porém lamentavelmente não se tem acesso a este elemento. "Imagine -- explicava-me, lúcida-- que você decide se submeter a um tratamento de

saúde; depois de uma análise cuidadosa das características dos diferentes hospitais da cidade, faz-se a escolha; é caro, mas você está disposto; terá que comparecer diariamente ao longo de um ano, recebendo cuidados terapêuticos durante um período de quatro horas, e finalmente, um detalhe, quem escolhe o médico não é você e sim o próprio hospital." Enquanto eu me assombrava com aqueles conceitos, arrematou: "Quando alguém fosse matricular o filho, escolheria antes de tudo a professora e em segundo lugar a instituição. Da mesma forma que se diz que "o aluno é que faz a escola", o professor é que faz o método, constituindo-se no elemento determinante do êxito ou fracasso do processo pedagógico."

Como pediatra, aprendi que criança não é um adulto em miniatura, e muitas escolas infantis parecem desconhecer isto por completo; transferem informação desnecessária em excesso e fazem provas em estilo idêntico ao nível médio e superior, mesmo sabendo que tal sistema provoca demasiada ansiedade nas crianças e comprovadamente não mede conhecimento de maneira adequada.

D.Ester conhecia bem qual professora iria assumir Renata no ano seguinte e sua argumentação amorosa removeu todos os obstáculos alegados. E provavelmente sua satisfação, aliada à uma receptividade maior da nova professora para com Renata, contribuíram para que ela ficasse vários meses sem aparecer no consultório. Mas, enfim, como quem é vivo sempre aparece, "pintou" por lá a incansável... A surpresa ficou por conta da mãe. Trazia um bebe a tiracolo, para que eu conhecesse. Era o irmãozinho da Renata, igualmente adotivo, poucos dias após o nascimento. Vi nos seu olhar a mesma luz que me impressionara tempos atrás, e nos gestos e tom de voz a imensa ternura maternal que era capaz. Foi então que presenciei o inacreditável. "Natinha" aproximou-se, beijou a irmã, acariciou a face da mãe, sorriu-me, disse "Maninho" e mergulhou nos brinquedos com toda a voracidade de quem nunca houvesse brincado na vida. E sem perceber meu espanto, como se fosse a coisa mais natural do mundo, D.Ester afirmou com toda calma: " Ela está muito feliz, doutor, com a chegada do irmãozinho. Não quer que ninguém mais cuide dele, exceto eu." Aí pensei comigo mesmo: D.Ester pode não ser santa sacramentada mas é inegável que já produziu um belo milagre; conseguiu transformar uma "oncinha" em gente. Todavia é tão humilde que nem se dá conta disto. Deus te conserve assim, D.Ester, Deus te proteja!

A NAU FAMILIAR

A vida familiar é uma aventura fascinante. Acredito que o acúmulo de atividades com as quais me sobrecarrego, não me impede de cumprir satisfatoriamente a função de marido e pai.

Optamos por um sistema em que a mãe não trabalha fora de casa enquanto as crianças são pequenas, e acho que valeu a pena. O terceiro e último filho já completou três anos e com isto, as asas maternas estão ensaiando alguns vôos à procura de outra ocupação. Foram nove anos de dedicação exclusiva à família, e percebo nos olhos das crianças, em suas palavras e atitudes, o quanto são felizes, dentro do que cada uma consegue ser.

Meu reduzido tempo de contato com os filhos é bastante proveitoso. Brinco com eles, conto-lhes histórias antes de dormir e levo-os ao parquinho do clube enquanto descanso do jogo de peteca. Não lhes damos excesso de roupas ou brinquedos, para que aprendam a valorizar o que possuem. Ajudam nas tarefas domésticas diariamente. Acompanham-nos em nosso fim-de-semana mensal na Cidade da Fraternidade. Frequentam escola desde os dois anos de idade. Seguem razoavelmente o esquema obrigatório de vacinação.

Meu credo educacional se resume em "liberdade com responsabilidade". Ser livre significa poder manifestar as próprias inseguranças, carências, e reações, sem medo de censura ou rejeição. Muita gente quer dar liberdade aos filhos, pensando que isto garanta segurança e competitividade, e não admitem derrotas ou fraqueza; então a criança não é livre, pois não pode ser o que ela de fato é.

Por outro lado, **existe muita coisa no comportamento infantil que precisa ser corrigido. Não tenhamos pressa. A fase do palavrão passa; a do medo também; a da rebeldia, e tantas outras. Antes que lhe ensinemos aquilo que julgamos necessário, a criança precisa se sentir aceita e respeitada. Castigá-la por algo que fez ou deixou de fazer é tão comum quanto inútil. Dizer-lhe que seu comportamento foi "um absurdo" ou "horrível", dependendo do tom que empregamos, apenas nos distancia dela.**

O castigo mais lógico e racional é aquele que induz a um aprendizado. Se uma porta foi fechada violentamente, basta que o faça com delicadeza. Se houver agressão, é suficiente que se restabeleça a cordialidade na relação. Quando a raiva infantil não concorda com esta indução, deixemo-la com sua ira. Sem dúvida, chorar e emburrar faz parte dos direitos da criança; nestes momentos, nossa melhor ajuda se resume em manter o bom humor e a serenidade. Isto significa que estamos respeitando sua decisão, mas as conseqüências de ficar aborrecida são dela. Quando percebem que continuamos felizes, retornam rapidamente à alegria costumeira.

Xingar, reclamar, cobrar também é bom. Que o façam o quanto quiserem. Mas quem suja o chão voluntariamente, limpa; televisão e videogame têm horários bem delimitados; come se quiser, porém só nos horários convencionados. Pode me xingar de "bundão" muitas vezes por dia, que não me incomoda, entretanto, a maneira mais rápida de ter uma reivindicação atendida é expressá-la através do diálogo.

Tudo isto parece um ensaio de psicologia comportamental, utilizando a técnica do reforço, e muitas pessoas vão torcer o nariz.

Vejo crianças e jovens no meu trabalho todos os dias, e entendo que o consultório é minha janela para o mundo. Os erros educacionais são comuníssimos, mesmo entre pediatras, psicólogos

e educadores.

Uma coisa é perceber um determinado comportamento, outra é dar-lhe atenção. Quando estou com meus filhos, às vezes capto suas intenções e pensamentos não exteriorizados: egoísmo, inveja, ciúme, calúnia, preguiça, insegurança. Quanto mais arraigado um sentimento, maior a dose de compreensão necessária para se lidar com ele. Concordo com Pietro Ubaldi, ao dizer que a adolescência é o período mais oportuno para a renovação psíquica, em que o indivíduo fecha-se em si mesmo, num processo de metamorfose, em busca mais intensa do próprio eu. Muitas características de personalidade só serão transformadas nesta época ou depois, às custas de grande esforço e vontade do sujeito.

Podemos ajudar os filhos a se prepararem para as mudanças que queiram efetuar em si mesmo, dedicando-lhes toda a afeição ao nosso alcance. Carinho em largas doses. Atenção, respeito, consideração. Mentir, jamais.

Difícilmente passa um dia em que não beije muito os meus filhos. Carrego-os no colo, falo-lhes carinhosamente, e despeço-me deles sempre que saio de casa.

Quando chego, sou invariavelmente recebido com festa, beijos, muito brilho nos olhos, e notícias de toda sorte.

Aos meus filhos é-lhes lícito, de minha parte, ter qualquer religião ou nenhuma, tratar-se com homeopatia ou alguma outra especialidade terapêutica, seguir uma das profissões que não contam com minha simpatia, ter atividade sexual quando julgarem conveniente ou necessário, morar aqui no Brasil ou na Babilônia. De todo este patrimônio de liberdade responsável que me esforço por legar-lhes, em apenas um item, sinto dificuldades em conceder-lhes livre-arbítrio: em relação ao meu amor por eles. Daqui a alguns anos hão de se recordar com ternura de que eu os aceitei e os amei incondicionalmente, embora enxergando claramente suas limitações individuais.

E se algum deles fracassar completamente e perder o rumo, saberá que existe um lugar no mundo onde será sempre acolhido com inalterável afeto e desvelo, até se decidir por novas aventuras: dentro do meu coração.